

LÉGERIN

No.7

"Insistir no socialismo é insistir no ser humano"



Conquista a vida! - <i>Abdullah Öcalan</i>	4
Perspetiva internacional - <i>Comuna Internacionalista</i>	6
Dia Internacional da Luta das Mulheres - <i>Jovens Mulheres Internacionalistas</i>	8
O Significado Histórico-Sociológico da Juventude do livro “ <i>Manifesto da Juventude</i> ”	11
“Descoloniza a tua mente” <i>Şerzan Mexico</i>	14
A nossa resposta é a guerra popular revolucionária <i>Şahin Alman</i>	16
O princípio do universo <i>Dilzar Dilok</i>	19
Em memória da Şehîd Hêlîn Qereçox <i>Şerda Intikam</i>	21
O Pôr do Sol <i>Rojda Brazil</i>	23
Nazis, Contras, Jihadistas <i>Dr. Nikolaus Brauns</i>	25
Uma palavra sobre ecologia <i>Campanha Make Rojava green Again</i>	30
Marighella vive! <i>Çiya Qerefin</i>	33
O que é que aconteceu na história	35
Liberdade <i>Um poema de Carlos Marighella</i>	39

Merhaba hevalno

Caras e caros camaradas,

Ao mesmo tempo que os ataques sangrentos no Curdistão não chegam ao fim, um novo lugar é palco de guerras imperialistas. A guerra na Ucrânia mostra-nos novamente o potencial bárbaro dos Estados-nação e da modernidade capitalista de colocar todas as nossas vidas em grande risco. Nestes dias, em que dizemos adeus ao inverno, em que a escuridão desvanece e a natureza ganha uma nova vida, queremos partilhar convosco a nossa 7ª edição da Revista Lêgerin. Entre toda a escuridão e frio que a modernidade capitalista espalha, entre todo o desespero e destruição, queremos saudar as nossas lutas com uma nova energia de vida e com a luz do fogo e com o calor do Newroz e queremos partilhar as nossas discussões revolucionárias convosco. No coração da revolução, no Curdistão, milhões levantaram a voz contra o patriarcado no 8 de março e contra o Estado no 21 de março. E, apesar de toda a repressão contra a liberdade de Rêbertî, com 50 anos de prática revolucionária, anunciámos a nossa determinação enquanto movimento da juventude. O Newroz significa primavera. Empurrando para trás os dias escuros, o frio e o silêncio, o Newroz significa mudança e renascimento, o acordar da vida e da beleza. O Newroz significa vida. E vida significa resistência. Resistência ao que é velho e construção de algo novo.

Caras e caros camaradas,

neste contexto, o festival do Newroz é para os povos e especialmente para a sociedade curda um dia de renascimento. O dia de mudança e vida. Estamos firmemente convencidas que os dias frios da modernidade capitalista estão acabados e a primavera dos povos, a vida e o mundo irão ganhar de novo. Vamos para a luta revolucionária dos povos!



Contato: legerinkovar@protonmail.com

Reddit, Instagram and Twitter: [@RevistaLegerin](https://www.instagram.com/RevistaLegerin)

Conquista a vida!

Os nossos inimigos dizem até ao fim: "Tornem-se como animais".
Mas nós dizemos até ao fim: "Nós seremos humanos".

| Abdullah Öcalan

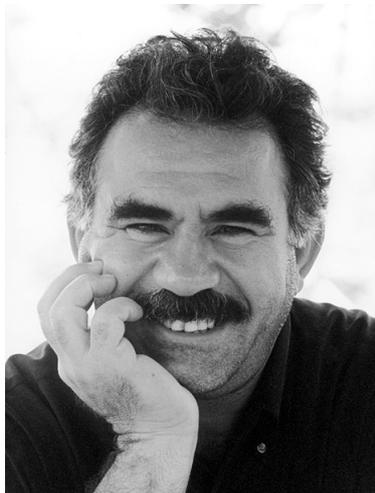
Sentimentos sublimes tocam a mente tal como a mente afeta os sentimentos. Mas sentimentos limitados, reduzidos exclusivamente a inclinações pessoais, levam a uma redução da personalidade. Isto acontece de uma forma muito perigosa, mesmo dentro das nossas fileiras.

Eu não nego os impulsos e as preferências humanas, mas tudo deve ter uma função para o desenvolvimento emocional e intelectual das pessoas. Uma mente que se submete apenas a preferências pessoais não tem perspectiva. Vive-se desta forma apenas para a própria barriga e para a satisfação de necessidades sexualizadas e nojentas. Portanto vive-se apenas para a satisfação dos impulsos mais simples. Tal vida assemelha-se àquela de uma pessoa que fica bêbeda todos os dias. Esta não é uma boa forma de vida.

Toda a gente tem vergonha de secções da sua vida passada. Não apenas tu, também as pessoas velhas e crescidas odeiam as suas velhas vidas familiares. A velha compreensão de honra e da vida está quebrada. E foi isto que alcançámos. Alguns provocadores e derrotistas prendem-se ao antigo. Os ideólogos colonialistas tentam-nos impôr comportamentos e sentimentos ultrapassados todos os dias, através da sua guerra especial. Forçar esta vida líbida às pessoas é um convite a retomar velhos hábitos e estilos de vida familiares. Apesar dos seus métodos se poderem contradizer mutuamente, são medidas de guerra especial que dependem uma da outra. Lutamos por destruir ambos. Eles dizem às famílias, "Tomem conta dos vossos filhos e eduquem-nos de forma conservadora". Nós, por outro lado, estamos a tomar precauções para não cair sob essa influência. A guerra especial abusou tanto das artes como da necessidade de desporto do povo. Há abordagens fascistas bem conhecidas. Atualmente, os métodos de guerra especial são principalmente usados nestas duas áreas. É claro, nós não permanecemos passivos face a estes desenvolvimentos. É uma característica básica humana mostrar o caminho para a liberdade de uma forma credível e consistente. Nós desenvolvemos isto. Nós apresentámos as exigências de liberdade da população e da juventude, destruindo assim as intenções da guerra especial.

Eu apelo diariamente à conquista da vida

Eu espalhei uma vida vívida, conquistadora e prática para toda a gente. Começando desde aqueles com 7 anos de idade até aos de 70 anos de idade. Muitos de vós estão como se estivessem mortos. Não conseguem ser trazidos para a vida. A vossa paixão e a vossa alegria são muito fracas, a vossa consciência é insuficiente, os vossos corações estão dormentes, estão longe da sensibilidade e da responsabilidade, não lhe dedicam o interesse necessário. Nós somos diferentes. O prolema está em trazer-vos também para este nível. É possível, é preciso acreditar nisso. O nosso exemplo pode apenas encorajar-vos.



Não devem tentar imitar esta personalidade, mas sim ir no caminho do vosso próprio desenvolvimento. Não é necessário imitar. Há caminhos impressionantes e instrutivos que é necessário seguir para o vosso próprio bem. Devem incorporar grandes sentimentos, exigindo consciência, e grandes atividades, é preciso fazer com que estes sejam vossos. É necessário. Porque é que têm timidez de tomar esta grandiosidade para vocês mesmos? Vocês são pobres em todos os sentidos. Estão bloqueados em sentimentos, são fracos de responsabilidade, são fracos politicamente e militarmente, nas vossas expressões vocês são pobres e são fracos na vossa forma de vida e no vosso ritmo. E mais importante, são pobres nos vossos parâmetros e na vossa

socialização. Vocês precisam de conquistar as vossas falhas! Não têm esperanças de atingir uma mentalidade vencedora? Porque é que a nossa paixão não há de ir nessa direção? Não estou a falar de pequenas socializações aqui e ali, mas socializações extensas. Tentámos dar-vos a socialização do Partido. Abordámo-la extensivamente nas suas dimensões ideológicas e políticas. A educação social é a base da nossa causa. Sem educação social disciplinada a superestrutura não poderia ser construída. É verdade, tal como está escrito nos livros religiosos: vive com dor durante quarenta anos, dizem. O mesmo acontece com o ensino da socialização.

Requere muita dor. Nós vamos definitivamente contruir educação social. A nossa revolução está a mover-se dos níveis ideológicos, políticos e militares cada vez mais para o nível social. Isto está a mudar a vida de muitas pessoas, causando uma grande impressão e reação. Isto é uma revolta contra a antiga ordem social. Contra o mundo da socialização, das relações, dos sentimentos e impulsos desenvolvidos pelo inimigo. Nós estamos a tentar destruir este mundo.

É um desenvolvimento interessante de observar. As pessoas estão a tentar transformar a vida social numa contra-vida social. Alguns são apanhados nesta estranha maneira de se tornarem emocionais nesta situação. Ocorre um estado contraditório, interessante ou básico. Encontramos isto nas mulheres assim como nos homens. Quando mudámos a mulher e o homem de acordo com o nosso partido e os nossos parâmetros de militância, houve desenvolvimentos visíveis. Mas estes estão a atacar de uma forma estranha, assumo que o Estado turco tenha treinado alguns especialistas. Houve mulheres e homens que estiveram infiltrados. Mas são ultrapassadas em número pelas pessoas das nossas fileiras, aqueles que dão o passo de se juntar a nós voluntariamente. Os perigos causados por pessoas das nossas próprias fileiras são inimaginavelmente grandes. Quando o inimigo intervém nas nossas estruturas ou infiltra pessoas fá-lo apenas por um tempo limitado. Nós conhecemos a sua forma de agir. Mas o inimigo dentro de nós representa o conservadorismo e a subjugação milenares e portanto é extremamente perigoso. A pior coisa é que eles são inimigos obje-

tivos. A consciência da liberdade é amplamente desenvolvida. A possibilidade de uma relação livre cresceu na relação entre homem e mulher. Se tivessem estado casados sob as condições anteriores não teriam sido capazes de desenvolver uma abordagem tão aberta e livre. Nem acho que vocês se teriam abordado de uma forma respeitosa e cuidadosa. Se tivessem estado casado quarenta anos com uma pessoa, dificilmente teriam alcançado a mesma honestidade e abertura. E ainda assim há um grande ataque contra a relação livre. Eu ressalvo isto para definir uma alternativa revolucionária e livre das relações. O traidor dentro de tí, o contra que está contra o amor pela liberdade, deve ser definido integralmente. Neste momento, alguns estão a tentar, conscientemente ou inconscientemente, atacar a minha ordem neste aspeto. O que é que eles estão a tentar fazer? Porque é que eles querem impedir o desenvolvimento rumo à liberdade? As pessoas querem organizar-se, porque é que esta vontade está a ser destruída, porque é que elas estão a ser colocadas sob pressão? O que é que está em causa? É preciso entender corretamente estas características nacionais e de classe. É inacreditável: quanto mais queremos fazer as pessoas lutar, mais elas recuam. Quanto mais queremos organizar as pessoas mais eles roubam.

O nosso maior e mais significativo serviço, que fazemos com grande esforço para o povo, é a busca pela liberdade. Mas os ataques são fortemente direcionados contra a tentativa de superar de uma forma produtiva, isto é, trabalhar as relações sociais apodrecidas. Isso é tudo o que eu realmente estou a fazer. Tornem-se ainda mais livres, reconheçam o vosso inimigo, reconheçam o amor. Não fiquem satisfeitos em ver o inimigo apenas superficialmente na frente de batalha.

É expôr o inimigo progressivamente. Nas suas velhas tradições. É o inimigo milenar. Contudo, este escondeu-se, não pode ser reconhecido. É um lobo em pele de ovelha. Apresenta-se como um homem em nome dos parâmetros contemporâneos e na verdade é pior do que um animal. Ainda podemos aprofundar este pensamento, mas para alguém que quer lutar, isto deve ser suficiente. Mas também é preciso perceber este pensamento, é preciso torná-lo visível. De noite, não pode atingir o inimigo com o punho. Primeiro, o inimigo deve ser desmascarado, mas não apenas superficialmente atacado com o punho. Uma vez que se tenha desmascarado e analisado, é preciso agir de forma muito determinada contra ele. Temos não só de agir contra o inimigo superficial mas também contra tudo de hostil dentro de nós que precisa de mudar.

O PKK é uma organização de luta, é uma família de luta. Continuaremos a trabalhar pela sua jurisdição com grande paixão. As pessoas não se cansam na luta por tamanhos valores. Ajustam-se a si mesmas olhando para o conservadorismo e as práticas do inimigo. Se as pessoas quiserem, podem desenvolver-se ainda mais eficazmente do que uma bomba atômica, garantindo o sucesso.

O modelo que desenvolvemos é tanto científico como forte de espírito. Também é possível representar desenvolvimentos criados por nós a um nível artístico, por exemplo, sob a forma de um romance. As nossas ações, na verdade, formam o núcleo da arte. O que nós desenvolvemos irá um dia fornecer material para centenas de livros, canções, pinturas e poemas. Se alguém se atrevesse a fazer isto, seria possível criar obras incríveis que teriam um impacto a nível internacional. Isto, é claro, é interessante para o mundo dos artistas. É claro, não podemos desenvolver tudo isto de uma só vez, mas, estamos a tentar ser uma fonte fiável para isto. A nossa compreensão de liberdade e das relações livres formam uma riqueza que não pode ser encontrada em nenhum outro movimento re-

volucionário. Nós estudámos um pouco outras revoluções. Tentando entender o impacto mútuo das artes e da revolução. Em nenhuma das revoluções as massas possuíram tamanha consciência. Acho que nenhuma outra revolução abordou tão radicalmente e de baixo para cima as relações interpessoais. É exatamente por isto que o medo dos imperialistas é tão grande. Aquilo que está a ser construído pelo PKK não é um qualquer movimento nacional, político e humano. É muito radical. Questionando o ser humano como um todo, é um movimento que tenta construir a vontade de ser livre com a maior paixão e a maior humanidade. Dissémo-lo muitas vezes: enfrentamos a mais perigosa desumanização. Enquanto o inimigo te está a conduzir para situações ainda piores, é natural que devas travar uma luta radical pela libertação humana contra esta degradação. Eu decido o que está certo de acordo com o grau de opressão. Resistência como hostilidade, construção como destruição. O inimigo força uma grande falta de amor entre nós. Pode o homem ser tão hostil para com o outro? Ele é. Portanto, face a esta grande hostilidade, devemos aceitar ou o amor ou a desumanização. O que o inimigo quer é a nossa desumanização, a nossa derrota. Se não desenvolverem grandes sentimentos, grandes pensamentos e grandes ações, tornar-se-ão prisioneiros do inimigo e seus instrumentos. Estes são importantes pensamentos que devem entender. O PKK não é uma qualquer instituição política. Vocês precisam absolutamente de tentar alcançar alguma da sua profundidade. Devem educar a vossa mente.

Eles fazem greve de fome durante meses – vocês fazem-no até atingirem o vosso objetivo! Vocês rezam – disciplinam-se como se estivessem a rezar cinco vezes ao dia. Aprendam de cor – se necessário, gritem as palavras da revolução desde a manhã até à noite. Eu não digo educarem-se de acordo com as formas clássicas. Estou a dar estes exemplos para fazer-vos entender do que é que nós nos tratamos. Temos uma grande educação, portanto ninguém nos deve julgar arbitrariamente ou ingenuamente. Se forem honestos com vocês mesmos, o vosso respeito será suficiente para representar a realidade. Tudo de mau une-se ao inimigo, de forma retrógrada. Eles estão a tentar usar não só o fascismo turco mas todos os gangues retrógrados contra nós a nível internacional. Nós devemos defender-nos, fortalecer-nos e não devemos afastármolos da nossa humanidade.

Os nossos inimigos dizem até ao fim: "Tornem-se animais". Mas nós dizemos até ao fim "Nós seremos humanos". Percecionando a vida ainda mais intensamente, reconhecendo os chamamentos da vida e compreendendo o que significa conquistar a vida na luta, pode-se superar estes obstáculos com sucesso. Esta é uma oportunidade. Eu usei esta oportunidade até certo ponto. Tentei desenvolver respeito por um país, por um povo, pelo povo. Vocês podem usar ainda mais esta oportunidade. As vossas aspirações devem estar enraizadas nos alicerces da liberdade. Vocês querem aspirar à bondade, querem ganhar tudo o que perderam com grande esforço e luta. Não há dúvida quanto a isso. O que está a faltar é a educação. Esta lacuna pode ser superada com paciência, com o trabalho produtivo crescente e fortalecendo o nosso trabalho. Esta oportunidade é-vos dada. Até agora, não foram capazes de a usar de forma merecedora. Enfatizo que vocês devem definitivamente avaliar isto no futuro. Esta grande pobreza, a aniquilação imposta e esta má vida apenas podem ser negadas com tamanha resistência e, mais importante, é assim que se conquista a vida livre.

Do livro "Como viver?", de Abdullah Ocalan.



Perspetiva internacional

| Comuna Internacionalista

Caras e caros camaradas, À medida que dizemos adeus a estes escuros dias de inverno e entramos na primavera com a determinação das mulheres e da juventude, a Terceira Guerra Mundial está a entrar numa nova dimensão. Embora o Médio Oriente tenha sido a cena dos jogos imperialistas e hegemónicos há décadas, a modernidade capitalista está a entrar numa nova fase com um velho guião.

Nos últimos meses a crise do sistema mundial hegemónico é mais visível do que nunca para o Ocidente através da guerra da Ucrânia. Não nos surpreende que a Terceira Guerra Mundial apresente o seu cenário num novo palco. Na realidade do sistema capitalista mundial, a guerra e a destruição são o pão de cada dia. O imperialismo tem o impulso ilimitado de se expandir. As guerras servem o interesse do capital, usam as sociedades e as vidas de milhares para satisfazer os seus desejos primitivos. O caminho para a guerra na Ucrânia estava preparado há anos. Não há diferença entre as promessas vazias e a perspetiva democrática dos Estados imperialistas. As guerras e as políticas de poder dos Estados são apenas um reflexo das aspirações dos Estados sedentos de poder da modernidade capitalista. Quem sofre são os povos envolvidos nas guerras sangrentas. De todos os lados, tenta-se instrumentalizar as vítimas calculadas entre os povos e assim esconder os seus próprios jogos de poder brutais. Tenta-se usar a nossa empatia e os nossos sentimentos para nos colocar do lado dos Estados imperialistas. Imagens simples, como o bem de um lado e o mal do outro, são usados para esconder que aquilo que

está em causa é a garantia de interesses, do aumento de poder e não o destino das pessoas, das sociedades.

A modernidade capitalista tenta fazer-nos esquecer a nossa história e faz-nos acreditar nas suas versões consumíveis da realidade.

O ataque do imperialismo russo não é diferente das inúmeras guerras travadas pela NATO para aumentar a sua esfera de poder e moldar o mundo de acordo com as necessidades do capitalismo. No entanto, as sementes da imagem de um inimigo da liberdade bárbaro do Leste são plantadas, que se caem em terreno fértil, com as antigas imagens do inimigo da Guerra Fria enraizadas na psique das pessoas no ocidente. De forma semelhante, a Rússia está a tentar usar a memória histórica do seu povo com a imagem de uma luta antifascista contra a Ucrânia. Por um lado, apaga a história democrática e a memória socialista das sociedades e, por outro, usa todos os meios para vender mentiras como verdades através de guerra psicológica.

Caras e caros camaradas, a terceira guerra mundial, através da qual a modernidade capitalista, em tempos da sua crise global, tenta reorganizar as condições, já decorre no Médio Oriente desde os anos 90. Aumentando a sua esfera de poder no Médio Oriente, onde o liberalismo ainda não foi capaz de se estabelecer como a sua ideologia, o objetivo é alcançar um reordenamento e fortalecimento da modernidade capitalista através de constantes guerras e pobreza. O grande plano para o Médio Oriente de moldar a região de acordo com os seus próprios interesses estava desde o começo destinado ao

fracasso. As sociedades que viveram durante séculos afastadas da mentalidade do Estado, com valores comunais, não querem abandonar a sua socialidade e os seus valores face ao aparato estatal. Guerras numerosas são travadas por este motivo, seja na Síria, no Iraque ou na Líbia - em todo o lado a modernidade capitalista tenta colocar as sociedades em dependências profundas para quebrar a sua vontade e transformar as sociedades numa massa homogenizada sem cultura e valores morais de acordo com o seu próprio interesse. Porque a modernidade capitalista teme os valores da socialidade. A socialidade significa moralidade, ética e vida comunal, todas estas características são veneno para o capitalismo. É por isso que o Médio Oriente tem sido a cena de guerras sangrentas há muitos anos. Contudo, apesar de constantes ataques do ocidente, o solo fértil do Médio Oriente criou primavera, esperança e vida. Devemos colocar o processo político num contexto histórico e global e olhar para as coisas dialeticamente.

Não devemos considerar as circunstâncias políticas separadas daquelas do mundo. O capitalismo é um problema global, portanto a resposta não pode ser dada em pequena escala. Os valores democráticos, a memória das sociedades, a nossa moral e ética são a formulação clara da auto-defesa política.

Caras e caros camaradas, nós, as forças democráticas que irão defender e libertar a sociedade do jugo do capitalismo, devemos construir em conjunto uma frente internacionalista para concretizar a libertação globalmente. Não é suficiente ser uma força reacionária apenas nos países em que a guerra é despoletada. A guerra popular revolucionária significa uma alternativa direta, para construir a terceira via e organizar a sociedade além do poder do Estado. A luta armada é apenas uma dimensão da luta. As sociedades de diferentes nações devem construir e defender a sua auto-determinação e organização além do capitalismo. Devemos reconhecer que a crise do capitalismo não poderá trazer uma solução nem pode ser democrática, como eles dizem constantemente.

Não importa onde estamos, a modernidade capitalista está a fazer do nosso planeta uma ruína. Já não podemos ficar parados a ver a fome, o sofrimento, a miséria e as guerras a escurecer a nossa bela terra. Já não podemos ficar parados enquanto Estados imperialistas ignorantes devastam a nossa natureza, causam guerras e decidem quem é que tem o direito a viver e quem não. Enquanto os Estados fazem guerra às costas da sociedade, a nossa solução só pode ser a revolta global dos povos. O inimigo é global, a resposta também deve ser internacional! Devemos unir as nossas lutas, defender os valores da sociedade ética-moral-política e não apenas sonhar com um mundo mais belo. Durante demasiado tempo, vimos o nosso habitat ser destruído, os nossos países serem roubados e a nossa cultura e valores serem atacados dia após dia.

O caminho para a libertação só pode ser a guerra popular revolucionária, a autodefesa coletiva das massas contra a devastação do capitalismo.





Dia Internacional da Luta das Mulheres

| Jovens Mulheres Internacionalistas

Atualmente, o 8 de março é celebrado em todo o mundo como o Dia da Luta das Mulheres. Mas qual é a história deste importante dia? Que lutas levaram as mulheres por todo o mundo a renovar a sua promessa todos os anos no 8 de março de seguir os passos de todas as fortes mulheres que nos mostraram o caminho até hoje?

Até à década de 1980, acreditava-se que o 8 de março tinha sido celebrado pela primeira vez em 1907 para comemorar um protesto brutalmente reprimido de mulheres costureiras em Nova Iorque em 1857. Contudo, nos anos 80, estudos franceses questionaram estes eventos e teorizaram que estes protestos foram inventados na década de 50, durante a Guerra Fria, para separar o Dia da Mulher das suas raízes socialistas.

Na verdade, em 1908, mais de 15000 mulheres saíram às ruas de Nova Iorque para protestar pelo direito de votar, por melhores salários e menos horas de trabalho. Um ano mais tarde, a 28 de fevereiro, o primeiro Dia Nacional das Mulheres foi declarado pelo Partido Socialista da América (SPA), por iniciativa de Theresa Malkiel, uma mulher ucraniana a viver na América, referindo-se aos protestos do ano anterior.

Em 1910, na Segunda Conferência Internacional das Mulheres Trabalhadoras, em Copenhaga, Clara Zetkin introduziu a ideia de um Dia Internacional das Mulheres para exigir direitos para as mulheres. No ano seguinte, o Dia Internacional das Mulheres foi celebrado pela primeira vez na Dinamarca, na Alemanha, Suíça e Áustria a 19 de março, que também era o 40º aniversário da Comuna de Paris. As manifestações, nas quais mais de um milhão de mulheres e

homens participaram, comemoraram, entre outras coisas, as mártires da Comuna de Paris. Uma semana mais tarde, a 25 de março, um acontecimento trágico ocorreu em Nova Iorque, o chamado “Triângulo de Fogo” tirou a vida a mais de 140 trabalhadoras numa fábrica textil, a maioria das quais jovens imigrantes judias e italianas. O fogo foi resultado de condições precárias de trabalho, contra as quais muitas mulheres protestaram na altura.

Apesar de o Dia Internacional das Mulheres ter tido origem nas ações do movimento das mulheres socialistas nos Estados Unidos, tomou uma forma verdadeiramente revolucionária durante a Primeira Guerra Mundial na Rússia. Em 1913, um ano antes de a guerra começar, as mulheres russas celebraram o Dia Internacional das Mulheres pela primeira vez. Era dia 23 de fevereiro de acordo com o calendário Georgiano, que no mundo ocidental correspondia com o 8 de março.

A 8 de março de 1917, em plena Guerra Mundial, mulheres na Rússia, lideradas por Alexandra Kollontai, começaram greves massivas por “Pão e Paz”. Exigiam o fim da guerra, da falta de comida e do regime do Tsar. Apesar da repressão impiedosa, as mulheres continuaram em greve por vários dias até ao Tsar se resignar e as mulheres conquistarem o direito de voto. Este dia marcou o início da Revolução de Fevereiro, que se tornou a base para a Revolução de Outubro na Rússia. No mesmo ano, em seguimento da Revolução de Outubro, o 8 de março foi declarado feriado oficial na União Soviética por Alexandra Kollontai e Vladimir Lenin. Durante muito tempo, o Dia Internacional das Mulheres foi celebrado maioritariamente em países comunistas.

Em 1921, na Segunda Conferência Internacional das Mulheres Comunistas, liderada por Clara Zetkin, que era

então membro do Partido Comunista da Alemanha, foi decidido que o Dia Internacional das Mulheres seria celebrado mundialmente a 8 de março, em memória dos protestos russos por “Paz e Pão” e o seu sucesso histórico.

Na Alemanha, após os Nazis chegarem ao poder, o Dia das Mulheres, devido às suas origens em movimentos socialistas, foi oficialmente banido até 1945. Em vez disso, era celebrado o Dia da Mãe, que propagava a imagem fascista da mulher de casa que deveria ter tantos filhos quanto possível. O 8 de março tornou-se um símbolo de resistência e continuou a ser celebrado clandestinamente por mulheres socialistas que distribuíam panfletos ilegais ou penduravam objetos vermelhos simbólicos nas janelas e estendais.

Nos Estados Unidos, o 8 de março não teve tanto peso no século 20 como noutros países. Em particular pelas suas associações políticas com a União Soviética e com o socialismo, ao mesmo tempo que as tensões da Guerra Fria escalavam. Mesmo as ONU só celebrou o 8 de março a partir de 1975.

Com o tempo, especialmente após o virar do milénio, o Dia Internacional das Mulheres foi fortemente comercializado e removido das suas raízes políticas. Por isso, são compradas flores e outros presentes para as mulheres, são feitos descontos especiais para o 8 de março e são organizados desfiles de moda. Isto é um ataque do sistema capitalista ao movimento pela liberdade das mulheres, para fazer esquecer as lutas das mulheres. Especialmente na Europa e na América, as mulheres são ensinadas que a igualdade de género já foi alcançada e as mulheres são livres. Uma imagem liberal da liberdade das mulheres é criada para que as mulheres não questionem a sua atual situação e o sistema, não se radicalizem e não se aproximem do socialismo.

A tradição do 8 de março começou com o objetivo de chamar a atenção para os problemas sociais, políticos, económicos e culturais e exigir os direitos das mulheres em todas estas áreas. Ao mesmo tempo, para lembrar as conquistas e os



sacrifícios necessários, motivando-nos para continuar a luta das nossas antecessoras.

O Dia Internacional das Mulheres simboliza a dimensão internacionalista da luta mundial das mulheres. A história do 8 de março mostra como as mulheres em movimentos socialistas de diferentes países ganharam força e experiência umas das outras, constuíram as suas lutas com base umas nas outras e se uniram sob um objetivo maior. Os movimentos das mulheres, sejam relativos ao sufrágio ou aos direitos das trabalhadoras, sempre tiveram uma conexão internacional. Mesmo atualmente, o movimento das mulheres mais forte do nosso século tem raízes profundamente internacionalistas. Mulheres de todos os continentes estão-se a juntar para discutir as perspectivas do movimento de libertação das mulheres curdo e estão a ganhar inspiração das mulheres lutadoras do Médio Oriente. Tal como o patriarcado tem um caráter global, a luta contra o patriarcado só pode ser ganha com uma frente internacionalista das mulheres.

O líder do movimento de libertação curdo, Rêber APO, dá à luta das mulheres pela independência o papel mais importante do seu paradigma. Em 2013, enviou uma mensagem para as mulheres do mundo desde a ilha-prisão turca de Imrali: “Primeiro de tudo, quero deixar claro que não acho certo considerar apenas o 8 de março como Dia das Mulheres. É indispensável que todos os dias sejam vividos com as mulhe-

res, com as mulheres livres. Mas a realidade do 8 de março mostra abertamente que a mulher não está presente na vida. Para vê-lo com significado, para comemorá-la apenas com este dia, mostra a profundidade da sua escravidão.”

As lutas que as mulheres têm vindo a travar mundialmente desde o início da nossa escravidão, com o advento do patriarcado, estão atualmente a ser levadas a um novo nível com o movimento curdo de libertação das mulheres.

“Os anos 2000 serão anos da liberdade das mulheres, com o reacordar da era negra da civilização que roubou às mulheres a sua existência. Basicamente, eu vejo esta civilização como um período negro e gelado. Contudo, nos primeiros anos da década de 2000 começou a primavera das mulheres. A liberdade das mulheres está a ser recriada de forma colorida, como uma flor que se levanta contra o frio e a escuridão do inverno, erguendo-se contra o frio duro do sistema opressor masculino, que, ao longo da história, se baseou nas mentiras e na violência. Com esta rebelião, a primavera e o brotar das mulheres contra o inverno rígido e a neve, traz consigo o brotar do movimento de libertação das mulheres.”

A primavera das mulheres da qual Rêber APO fala já começou. Mas cabe a nós dar água às flores. Cabe a nós continuar as lutas de Clara Zetkin, Alexandra Kollontai e Sakine Cansiz. Façamos de todos os dias o 8 de março!



O Significado Histórico-Sociológico da Juventude

do livro “Manifesto da Juventude”



Enquanto condição para uma vida livre, é fundamental uma clara identidade da Juventude. Todas as definições desenvolvidas até agora para a Juventude estão ligadas aos papéis atribuídos pelo sistema dominante. Os governantes criaram todo um espectro de termos para humilhar a juventude. “Fedelho” e “Novato” são apenas alguns desses insultos. Com tais termos, impediram a energia da Juventude virada contra o sistema dominante. É obvio que o sistema controla a Juventude com a máxima influência possível. Com as definições do sistema dominante, este tenta manter a Juventude sob controle. O objetivo é que as palayras e posições da Juventude sejam tidas como inválidas. É assim que o sistema dominante se salvaguarda. Marxistas e teóricos de classe também descreveram geralmente a Juventude como “passivos” ou como uma “classe irregular”. A base para este argumento é a falta de participação da Juventude no processo de produção. Contudo, a história diz-nos algo completamente diferente. A Juventude é, pelo contrário, uma das forças que mais está envolvida no processo de produção. Os centros hierárquicos, guiados pelo poder, pelo contrário, não são forças trabalhadoras. Além disso, seria uma visão extremamente estreita e errada reduzir a Juventude a uma classe produtora-consumidora e formular definições à cerca dela. Esta abordagem é o resultado de uma visão estreita da sociedade que se foca meramente nas classes. Isto é também uma falsificação dos governantes. Com a criação de desemprego massivo, o capitalismo hoje transforma não só a Juventude, mas toda a sociedade, numa classe de consumidores. Com o nível atingido até agora, tais definições já não são suficientes para fazer justiça à Juventude e à sociedade. Com o rejeitar de todas estas definições existentes da Juventude,

é necessário novamente definir uma identidade verdadeira da Juventude.

Neste contexto, a definição mais geral da Juventude seria a designação do grupo da sociedade entre os 15 e os 18 anos de idade. Geralmente, isto começa com o fim da infância e acaba com o fim da maturidade. O desenvolvimento físico termina no início dos vinte, o desenvolvimento mental, por outro lado, nunca acaba e dura toda a vida. Neste sentido a Juventude toma certamente o aspeto de um grupo etário. Este aspeto da Juventude pode ser descrito com o biológico. A Juventude é, neste sentido, também um grupo social que é definido através da mesma geração etária dentro da sociedade. Pode, portanto, ser definida como um grupo social que se encontra numa fase de transição. Ao contemplar cada nova existência na natureza, a vitalidade sai à vista antes de tudo. A Juventude ocupa também tal posição dentro da natureza social. A Juventude representa a vitalidade da natureza social. É móvel e nunca fica no mesmo sítio. Tenta fazer a sua voz ser ouvida até aos lugares mais longínquos. A sua energia é ilimitada. Expressa uma atitude fresca e vital perante a vida. Podemos imaginar que o tempo da Juventude é comparável com a primavera no calendário sazonal. O tempo da Juventude traz a mente de volta à altura da primavera. Tal como as experiências da natureza como um todo mudam e transformam-se na primavera, o tempo da Juventude também contém uma mudança inacreditável. Neste período, a vida humana contém uma enorme abertura em relação à mudança. A renovação e a mudança, contudo, começam com a rejeição do status quo. Esta altura é colorida e vital. A sua linguagem é a linguagem da mudança e da diferenciação. Na linguagem da natureza, a diferenciação encontra a sua expressão mais

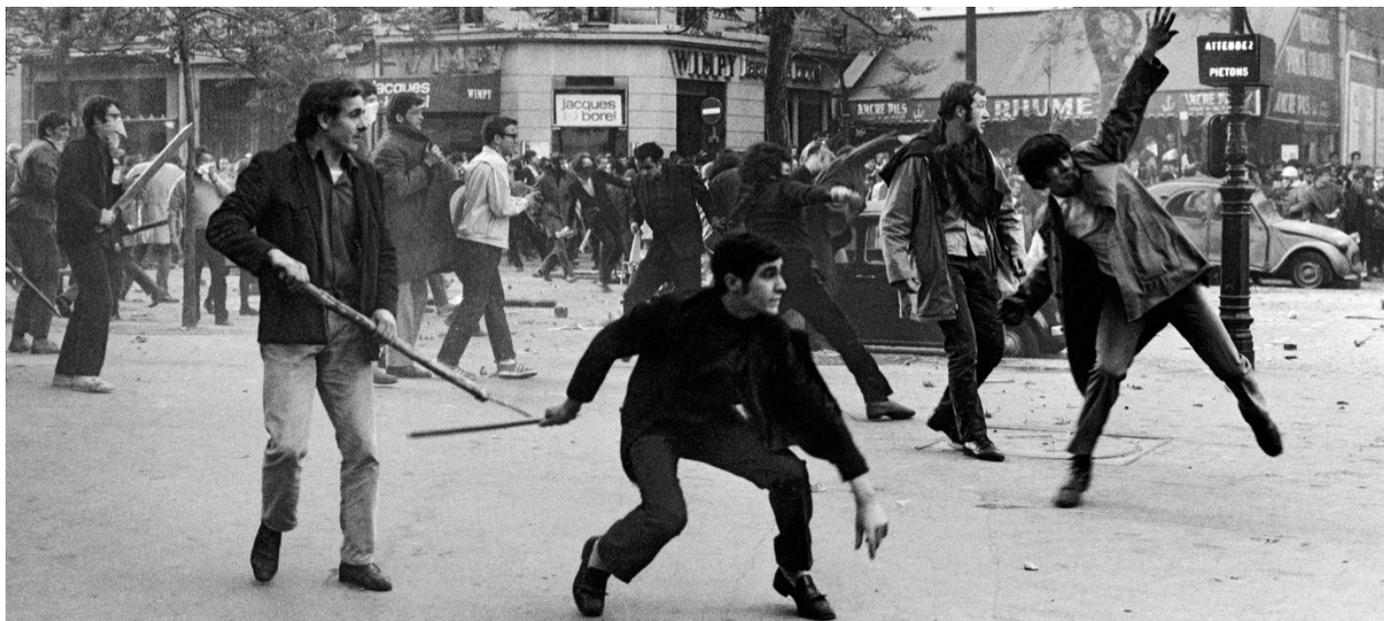
intensa na Juventude. A razão pela qual a diferenciação encontra a sua expressão mais intensa na Juventude está relacionada com o fenómeno do tempo. Onde há tempo, também existe desenvolvimento. Se considerarmos a mobilidade, dinâmica, mudança, pluralidade e desenvolvimento, não há dúvida da significância do tempo. Mesmo nas mais simples mudanças físicas da Juventude se pode ver a influência do tempo. O desenvolvimento está repleto de atividade, vitalidade e impulsividade. Nesta fase da vida, o tempo e o espaço não estão fixos, mas num estado constante de fluxo. A Juventude cai sempre com um período de tempo, no qual uma decisão é urgente e questões infundáveis, problemas e a busca por uma alternativa continuam. A Juventude, como a feminilidade, não é uma característica física mas um fenómeno social. Porque as características inevitáveis deste período natural do ser humano são refletidas na vida social. Em termos de vida, sentimentos e pensamentos, a Juventude é uma categoria social que tem o seu próprio conjunto de características distintas e um caráter correspondente que se distingue dos outros círculos sociais. As características dinâmicas, energéticas, saudáveis, atenciosas e ágeis da Juventude são descritos como “atributos juvenis” na vida social. A Juventude representa com estas características a intensidade e vitalidade da sociedade. Por esta razão, a Juventude é o grupo social cujos reflexos e reações a questões que a afetam a si e à sociedade são mais pronunciados estruturalmente. A Juventude demonstra um especial interesse em relação a tópicos que definem o futuro da sociedade a que faz parte. Porque tem à sua frente uma longa vida. Portanto, o tempo da Juventude é um no qual a busca pelo futuro se intensifica. A Juventude representa o desenvolvimento e a defesa da sociedade. Logo, contém fortes reflexos, se ela própria ou toda a sociedade forem afetadas. Como consequência natural disto, a Juventude é um grupo na sociedade que rapidamente se politiza. É por isso que sempre se diz que os termos Juventude e revolução estão próximos um do outro e a Juventude, por natureza, tende para a revolução. Um ponto ainda mais importante é a consciência destas características e do papel da Juventude na sociedade. Sem isto, não é possível falar da auto-consciência da Juventude. Uma trabalhadora torna-se consciente das suas características

de classe e por isso desenvolve uma consciência de classe. Da mesma forma, uma mulher não pode ganhar consciência de género sem perceber a realidade do seu próprio estado de escravidão. Resumidamente, o simples facto de se ser mulher ou trabalhador não traz nenhuma formação de consciência. Somente isto não faz sentido na busca pela liberdade. De forma semelhante, isto aplica-se à Juventude. Sem consciência não pode haver uma Juventude livre e autónoma. Uma consciência da juventude como uma força social autónoma é alcançada compreendendo as características da Juventude. A coragem de pensar de forma diferente, ter altruísmo, honestidade, vitalidade, de estar pronto para o sacrifício e a solidariedade são apenas algumas destas características. Sem apelar à própria consciência estas características da Juventude e viver de acordo com o seu espírito, não se pode verdadeiramente ser jovem de espírito. Mesmo aqueles que são biologicamente jovens, sem estas características, não representam a Juventude. O oposto também é verdade. Apesar da transgressão biológica da adolescência, a Juventude pode ser representada se as características juvenis forem internalizadas. Porque a Juventude é um fenómeno

histórico da sociedade. A juventude é a soma do comportamento social, dos sentimentos e pensamentos que expressam as características básicas de uma faixa etária. Nesse sentido, a Juventude é tanto mentalidade como espírito.

Outra faceta da Juventude está intimamente ligada ao fenómeno da socialização. Sem assumir a socialização da Juventude, não é possível ser-se socialista. O ditado de que toda a gente é socialista na Juventude corresponde a esta realidade. Tal como mencionado, os humanos só puderam sobreviver graças à sociedade. Tal como todos os seres vivos têm um mecanismo de defesa, tal como os espinhos de uma rosa ou a casca de uma árvore servem de proteção, a sociedade também é o mecanismo de defesa no caso dos humanos; os humanos sentem-se seguro na sua sociedade. Antes que a Juventude dê os seus primeiros passos na vida, primeiro entra num processo de grupo. Torna-se parte de uma determinada comunidade. Com aqueles que têm características semelhantes, começa um processo de integração. Desta forma, a Juventude sente-se forte e acredita ter ganhado uma identidade. Mesmo que não estabeleça





uma organização consciente, move-se sempre como um grupo. Amizades íntimas e grupos sociais são construídos. Algumas destas amizades são chamadas de gangues de jovens, outros, círculos próximos de amigos. Tais grupos são basicamente mais fortes do que as organizações mais rígidas. Porque expressam uma unidade educacional comum. Existe uma unidade que não surge conscientemente, mas por se ser jovem, através da busca juvenil. Nesta fase, é comum que tais círculos de amigos que são formados serem mais interconectados do que as organizações mais fortes. Eles defendem-se até a morte, ficam ombro a ombro, lutam em disputas de bairro e forjam laços de sangue. Não é por acaso que as amizades mais próximas de todo o ser humano surgem nesta fase da vida. Tais agrupamentos podem desenvolver-se como gangues e decair, mas às vezes também podem ser uma razão para grandes avanços de liberdade da Juventude. Por exemplo, o círculo composto por sete membros fundado por Deniz Gezmiş na escola secundária produziu uma vida de grande camaradagem. Também é sabido que na revolução da Juventude de 1968 vários grupos de jovens representaram a vanguarda. Se não fosse pela vanguarda de vários grupos escolares, de desempregados, oprimidos, ridicularizados, jovens margi-

nalizados, o movimento de 1968 não teria existido. O primeiro núcleo do PKK, formado em torno de Rêber Apo, também consistia de amigos muito próximos. Ainda hoje, muitos juntam-se às guerrilhas em grupos. Isto significa que o potencial revolucionário se pode desdobrar com o desenvolvimento correspondente da socialização da Juventude. A característica mais importante da sociedade é que ela tem uma dinâmica de desenvolvimento e mudança. As estruturas sociais mudam e transformam-se ao longo de etapas históricas. Conforme descrito acima, mudança e transformação são também uma das características mais fundamentais da Juventude. Assim, sociedades e nações carregando estas características básicas da Juventude estão-se a desenvolver rapidamente. Forças que estão abertas à mudança social, ao novo e não ao conservador podem dar respostas às necessidades de uma sociedade que exige mudança e transformação. Neste sentido, a Juventude, como representante da mudança e da transformação, apresenta a parte mais eficaz e ativa da dinâmica social da mudança. Por causa destas características estruturais, a Juventude sempre ocupou um lugar especial na história dos desenvolvimentos sociais. Muitas vezes desempenhou um papel pioneiro para as sociedades.

“Descoloniza a tua mente”

Discurso do camarada Şerzan para uma conferência internacionalista em Rojava



Se vamos falar da América Latina, temos de recuar muito, muito antes de a armadura brilhante e as armas cheias de pólvora terem tocado as nossas costas. Temos de nos perguntar porquê. Porque é que os europeus escolheram ficar, foram as nossas praias, os nossos frutos, as nossas florestas e selvas bem protegidas? Estas respostas estão todas erradas, os europeus escolheram ficar porque encontraram ouro usado por uma população que poderia ser forçada a extrai-lo. Povos que, em muitos casos, não tinham a mesma noção de propriedade privada, por isso entregaram livremente os bens que o homem branco acumulou e pelos quais matou. Agora, não estou a dizer que a América pré-colonial era perfeita, no que conhecemos como meso América formaram-se impérios, e em alguns casos as pessoas foram oprimidas, mas tudo isto foi suave em comparação com o que veríamos nas mãos do homem branco. Pense nisso, as Américas eram povoadas por 100 milhões, estes 100 milhões a certa altura transformar-se-iam em 300.000. Os europeus tomaram a capacidade de sobreviver nestas terras, a beleza das nossas línguas, a nossa história, as nossas deusas e deuses, o nosso modo de ser, a nossa identidade, e em troca encontramos-nos com a morte e a destruição.

Avancemos rapidamente 500 anos e vejamos o efeito do genocídio. Dezenas das nossas florestas e selvas desapareceram, milhões dos nossos povos estão esfomeados, mais de 60 das línguas que falámos desapareceram ao vento. O povo está ansioso por agradecer aos senhores brancos ou, pior ainda, por ser como eles e é por isso que é tão importante lutar contra uma mentalidade colonial. Não só para o colonizador, mas também para a pessoa colonizada. Sempre que digo colonizador, não me refiro apenas aos conquistadores ou àqueles que vieram no mayflower, refiro-me a qualquer pessoa que possua a mentalidade de um coloni-

zador, isto manifesta-se mesmo naqueles que tomam parte numa luta de esquerda. E quando digo colonizados, não me refiro apenas àqueles que foram violados, assassinados, deslocados, ou vendidos como escravos. Estou a falar daqueles que se recusam a ensinar aos seus filhos a sua língua ancestral porque lhes foi ensinado a acreditar que é a dos selvagens. Estou a falar daqueles que se vangloriam de ancestrais europeus distantes, com o objectivo de negligenciar quem realmente são. Aqueles que tomaram o lugar do colonizador e começaram a ver não só os seus irmãos e irmãs, mas também a terra como um empreendimento gerador de dinheiro. Por outras palavras, o que estou a tentar dizer é que qualquer luta revolucionária precisa de ter um aspecto anti-colonial, isto é necessário para parar os nossos hábitos liberais e quebrar as correntes da nossa mente. Explique-me como é que uma luta revolucionária será bem sucedida na Europa se não se conseguir romper com os benefícios do colonialismo, como é que será bem sucedida se a cultura do seu país, o seu modo de vida, ou mesmo a capacidade de se alimentar a si própria, estiver directamente ligada ao colonialismo. Como funcionará uma luta revolucionária na América Latina se muitas pessoas ainda estão obcecadas com a ideia de serem como os europeus, os nossos padrões de beleza, a forma como nos vestimos, a música que ouvimos, a forma como interagimos com o mundo que nos rodeia e uns com os outros.

Como revolucionários precisamos de desenvolver uma perspectiva afastada dos caminhos dos europeus, e os europeus devem desenvolver uma forma de ser que não dependa directamente do sofrimento e da opressão do Sul global. Mas a ruptura com as nossas mentalidades coloniais é apenas o início, temos também de dar passos práticos. É por isso que o internacionalismo é tão importante. Se não existem lutas anti-coloniais nos nossos próprios países,

então temos de olhar para o mundo, reconhecer o facto de que você e o seu país estão a agir como parasitas e que devem tomar medidas físicas para quebrar isso.

Quero experimentar algo, pensar para si mesmo quais são os seus alimentos e aperitivos favoritos, não, o chocolate não é suíço, as batatas não são da Irlanda, os tomates não são de Itália. Fuma tabaco? Sabe o significado de fumar tabaco ou de comer chocolate? Não é algo que fosse consumido por prazer ou aborrecimento, era reservado à cura e rituais profundamente espirituais que nos ligariam aos nossos antepassados e à terra. Depois foi-nos tirado, obrigaram-nos a esquecer quem éramos, e agora é fumado em todo o mundo, cheio de químicos nocivos e completamente vazio do seu verdadeiro significado. E o chocolate é enfiado na boca de pessoas brancas obesas e com excesso de peso. Estas coisas nunca foram sequer destinadas a ser vendidas ou perderiam completamente o seu significado. É destinado como um presente, um presente que a terra prepara cuidadosamente e que se espera sempre que seja pago na sua totalidade através de acções. Alguma vez se sentou no seu agachamento a fumar erva com os seus amigos? Para cerca de 90 por cento das pessoas nesta sala, a resposta é sim. Portanto, o que é suposto ser um momento profundamente espiritual é agora secretamente vendido em pequenos sacos de plástico. Mas ok, não vim aqui para partilhar convosco os rituais e as maneiras do meu povo, isso foi apenas uma pequena lista de algumas das coisas que nos foram arrancadas das mãos e da memória e dadas a vós, ainda quentes com o sangue do meu povo. Assim, da próxima vez que segurar um destes objectos sagrados na sua mão, peço-lhe simplesmente que tome um momento para pensar no que tinha de acontecer para que ele lá chegasse.

Se o colonizador começar a questionar a sua mentalidade, então está tudo bem, mas isto só pode ir tão longe, o que é ainda mais importante é que a pessoa colonizada lute contra a mentalidade colonial dentro de si mesma. Vou usar o México como um exemplo. Cerca de 80 por cento do México é indígena mas apenas cerca de 15 por cento se identifica como tal. Os outros 65% chamam-se mestiços, que antes eram uma classe do sistema de castas que os espanhóis tinham estabelecido. Eram de ascendência mista e eram também uma das classes mais baixas. Estavam apenas acima de uma classe que era a classe dos povos indígenas. Foram colocados em escolas coloniais católicas que se destinavam a matar os nativos em todas as raparigas

e rapazes que entravam às suas portas, foram forçados a cortar o cabelo para se adaptarem aos padrões de beleza europeus, foram proibidos de falar a sua língua e foram forçados a aceitar que eram menos do que os europeus e que não havia nada que pudessem fazer quanto a isso. Hoje em dia no México há algo que as pessoas dizem frequentemente, "mejorando la raza", a tradução inglesa está "a melhorar a raça". Isto é dito às crianças, por isso no futuro elas procuram um parceiro branco. As pessoas têm vergonha de quem são e fazem todos os esforços para encontrar um antepassado europeu, mesmo que tenham de inventar um. Ao crescer vi o meu pai odiar-se a si próprio e àqueles que se pareciam com ele, vi fazer cirurgias ao nariz para aparecer como se fosse europeu, ele insultou qualquer um que se parecesse com ele, chamando-lhes chichimecas, que no México significava descendente de um cão. Chegou ao ponto em que ele queria que os seus filhos também fossem submetidos a uma cirurgia plástica. Ele não é assim porque quer. Foi-lhe ensinado a agir desta forma. Séculos de colonialismo foram os seus professores.





A nossa resposta é a guerra popular revolucionária

| Şahin Alman

Entrevista Sobre os Ataques em Heseke

Podes introduzir-te brevemente? Porque é que vieste para Rojava e que tipo de trabalho está a fazer neste momento?

O meu nome é Şahin, venho da Alemanha e tenho trabalhado há muitos anos com companheiros que estão envolvidos com Rojava e com o Confederalismo Democrático. Vim para cá há quase um ano. Faço parte da comuna internacionalista da juventude em Rojava e também estive a fazer trabalhos com a sociedade em Heseke durante algum tempo. Através do meu trabalho, fui capaz de ganhar muita experiência, em todo o tipo de áreas. Decedi vir para Rojava para desenvolver uma compreensão desta revolução e aprender como funciona e como está organizada. Há muitas diferenças entre a sociedade aqui e a sociedade alemã, mas também muitas semelhanças, portanto podemos aprender muito uma com a outra.

Fui especialmente inspirado a vir para cá pelos companheiros que vieram aqui para defender a revolução e caíram nesta luta. Também conheci alguns deles pessoalmente, o que me levou ainda mais a seguir o seu caminho.

Na noite de 20 de janeiro, na cidade do norte da Síria de Heseke, com a ajuda da Turquia, terroristas do Daesh levaram a cabo um ataque em grande escala à prisão central no bairro de Gweiran, onde, de acordo com as SDF (Forças Democráticas Sírias), mais de 5000 islamistas,

alguns dos quais líderes, estão detidos. Foi anunciado que os jihadistas queriam libertar os terroristas da prisão. Em resultado disto, houve batalhas ferozes entre as forças de segurança e os combatentes do Daesh, algumas das quais ainda estão a decorrer. Podes descrever o que é que aconteceu a 20 de janeiro e até agora?

Era de noite quando os companheiros vieram até nós e nos disseram o que tinha acontecido. Levantámo-nos e preparámo-nos. Guardámos as nossas coisas e saímos para Gweiran, que é o distrito onde a prisão de Sinaa está localizada. Imediatamente antes de chegarmos lá naquela noite, houve uma grande explosão, vários tanques de combustível rebentaram. Chegámos às nossas posições e conseguíamos ver que o Daesh se tinha afastado 100-200 metros de nós e haviam lutas intensas novamente, havia muita gente caída. Nessa manhã, vários anéis de defesa foram estabelecidos à volta da prisão e do bairro para que o Daesh não fosse capaz de sair. O Daesh tinha avançado sobre a prisão e fornecido armas e munição. Lutas intensas ocorriam com recurso a artilharia pesada. E isto continuou o dia todo. Perto da noite fomos para outro lugar para descansar um pouco e de manhã voltámos para as nossas posições. A luta continuou. No decorrer da batalha muitos dos combatentes do Daesh foram mortos e muitos renderam-se ou foram presos novamente.

Estavas na cidade quando os ataques começaram. Como vivenciaste essa noite e os últimos dias? Como é que houviste sobre os ataques pela primeira vez e o que é que fizeste?

As operações continuaram no terceiro dia. Uma grande parte das casas nas quais o Daesh se barricou foram libertadas novamente. E houve batalhas isoladas na nossa área. Além disso, foi relativamente calmo. Em todo o lado, a sociedade tinha-se organizado e garantido a sua própria segurança, turnos de vigilância eram mantidos em todos os cantos e postos de controlo foram estabelecidos por toda a parte. A guarda foi tomada pelas próprias pessoas. Houve um recolher obrigatório para prevenir que aqueles que tinham escapado fossem longe. O trânsito foi posto sob controlo. Nada podia entrar ou sair de certas áreas. A população na vizinhança dos confrontos foi evacuada. Por volta do meio-dia, saímos e fomos para o hospital mais perto, onde estavam muitos dos feridos. Passámos lá a noite de guarda e depois fomos embora pela manhã, novamente para descansar brevemente. Nos dias seguintes ficámos a fazer a guarda com a população. Estabelecemos postos de controlo em certas partes da cidade e em certas ruas. Entretanto, houve operações contra células clandestinas por toda a cidade, porque mais e mais informação estava a chegar através das pessoas que tinham sido presas. Os dias foram cheios de adrenalina e excitação, mas como fazíamos um plano de quais seriam os melhores próximos passos, fomos capazes de prevenir que os ataques do Daesh fossem bem sucedidos.

Se os ataques tivessem sido bem sucedidos, o plano da Turquia com o Daesh teria funcionado. Com o ataque à prisão, o plano era libertar os prisioneiros e começar uma grande ofensiva contra Rojava. Era suposto ser o início de

uma guerra ativa, mas os planos foram travados pelas forças democráticas na região.

Podes dizer algo sobre a situação dos feridos? Qual é a atual situação após 5 dias de confrontos e qual é a extensão da destruição?

Não consigo dizer exatamente quantos foram evacuados ou tiveram de abandonar as suas casas. Para aqueles que tiveram de sair das suas casas, foram estabelecidos abrigos e cozinhas comunitárias. Muitos edifícios foram destruídos e fortemente danificados pelo uso de armas pesadas e pelos ataques aéreos da Coligação Internacional. A coligação participou com helicópteros; os helicópteros lançaram bombas desde o ar. Infraestruturas como postes de eletricidade, muros, edifícios e estradas foram destruídas e agora necessitam de ser reconstruídas. Não consigo dizer quão grande é a extensão total. Mas é possível vê-lo muito claramente.

A autoadministração e as suas estruturas militares acusaram a Turquia de estar por trás dos ataques. Também se diz que o regime sírio sabia dos ataques e deixou os jihadistas avançarem. Diz-se que o ataque foi preparado com 7-8 meses de antecedência e mais de 200 combatentes do Daesh se infiltraram desde o Iraque e das áreas ocupadas pela Turquia. É noticiado que, em paralelo aos ataques dos islamistas, a força aérea Turca também executou ataques aéreos contra forças de apoio que vinham ajudar as forças de segurança em Heseke. Como vês o papel da Turquia e da coligação internacional nestes ataques?



Não é a primeira vez que houve tentativas de tomar esta prisão pela força. Assumiu-se desde há 2-3 meses que tal ataque iria acontecer e portanto foram tomadas precauções. A vigilância e os postos de controlo foram fortalecidos, por exemplo. A prisão está rodeada por um grande muro e há dois, três meses, outro muro foi construído à volta. Sei que se não tivesse havido esta preparação o ataque ter-se-ia espalhado para toda a cidade. Hoje, um agente das forças armadas turcas foi preso em Heseke. Ele confessou que tinha sido instruído pela Turquia para treinar o Daesh e foi enviado para lá para coordenar os ataques à prisão. Os outros que foram presos também declararam que o ataque foi tornado possível devido à ajuda do Estado turco e do regime sírio. De outra forma, eles não teriam sido capazes de juntar armas, munição, etc. O ataque foi planeado com meses de antecedência. Na mesma noite, houve também bombardeamentos na frente de Til Temir, e houve uma tentativa de deixar unidades individuais do exército turco infiltrarem-se nas áreas autoadministradas. Na altura da explosão na prisão, conseguíamos ouvir aviões a sobrevoar e soube-se mais tarde que eram aviões do exército turco. Estes ataques foram repelidos pelas forças das SDF. Também pudémos observar a prontidão e mobilização do regime sírio. Eles estavam preparados para os ataques. Devem ter havido conversações de inteligência entre Damasco e Ancara. Também houve entre conversações entre a Rússia e Ancara. Nestas conversações, foram alcançados entendimentos comuns e foi acordada uma estratégia comum. Há um interesse comum em destruir a administração. O plano era invadir Rojava e capturar as áreas auto-administradas. Portanto, podemos dizer definitivamente que os ataques em Heseke foram liderados por planos da Turquia e da Coligação Internacional. Ambos



são agentes importantes quando se trata dos conflitos no Médio Oriente. Eles interferem em todo o lado para os seus próprios interesses.

Nos últimos anos, a administração apelou repetidamente aos Estados para transferirem os combatentes estrangeiros do Daesh de volta para os seus países de origem, mas os apelos não foram todos ouvidos. Os prisioneiros já se tornaram um grande peso económico e, tal como agora se tornou claro, um enorme risco de segurança. Já foi dito vezes sem conta que a política agressiva do Estado turco encorajaria um reavivar do Estado Islâmico. Neste contexto, quais são as expectativas para os Estados ocidentais e o que é que achas que precisa de ser feito para prevenir um reavivar do Estado Islâmico?

O Daesh foi derrotado militarmente, mas não ideologicamente nem nas suas raízes e no seu apoio financeiro. No passado, o Daesh foi sempre capaz de recuperar a sua força porque diferentes Estados lutaram pelos seus interesses à custa da população do nordeste da Síria e enviaram o Daesh para o fazer, que então lutou pelos interesses de Estados como a Turquia. O primeiro passo para a cooperação diplomática é que os Estados europeus reconheçam a Autoadministração. Um segundo ponto é que os países de origem dos combatentes do Daesh devem trazê-los de volta. Porque eles são, na verdade, cidadãos desses Estados. Mas os Estados não trazem de volta os combatentes do Daesh porque querem deixar em aberto a possibilidade de usar o Daesh como a sua extensão para lutar contra a Autoadministração, tal como vimos agora em Heseke. Um terceiro ponto é o apoio financeiro e material. São especialmente os Estados europeus como a Alemanha que apoiam a Turquia, outros grupos mercenários e também o Daesh com armas, planeamento e recursos financeiros. Eles também têm interesse na desestabilização da região. É necessário congelar os recursos financeiros e parar a exportação de armas. Nem da Arábia Saudita, nem do Qatar, nem da Turquia. As armas que são usadas aqui são armas fabricadas pela NATO. A indústria de armamento e empresas como a Rheinmetall são grandes figuras. A Rheinmetall produz na Alemanha, mas também através de subcontratação em países africanos.

Finalmente, gostaria de dizer que não é a Autoadministração que necessita de nós, internacionalistas, mas somos nós que precisamos desta revolução. É o mundo que precisa desta revolução como esperança para uma vida diferente. Se não fosse a influência dos Estados de onde vimos, coisas como o fortalecimento do Daesh não seriam possíveis. Precisamos desta revolução porque, para nós, enquanto internacionalistas, enquanto revolucionários, esta revolução não é uma discussão, não é um jogo mental, é real e podemos fazer parte dela. O que fazemos dela e quão longe a transportamos e espalhamos a esperança de uma vida diferente por todo o mundo, com o espírito da revolução das mulheres em Rojava, depende de nós. Cabe-nos a nós defender esta revolução a um nível internacional e também no terreno e construir pontos quentes de revolução por todo o mundo. Se não houver em todo o lado uma luta por uma vida livre, então não seremos capazes de colocar um fim a este sistema e construir uma sociedade democrática. O nosso inimigo está organizado internacionalmente, portanto a solução só pode ser internacional.

O princípio do universo

| Dilzar Dilok



Quando Rebertí fala sobre isso, gostaria de dizer que o objectivo do universo é a liberdade, parte das três características básicas, variedade, mudança e multiplicação. Estas três características são tanto as características básicas do universo como as características da liberdade. Se assim for, temos de nos multiplicar, variar e mudar para dizer que somos livres. E, ao mesmo tempo, devemos mostrar a criatividade que dá continuidade a estas três acções. Sabemos que na existência humana, estas três qualidades ganham clareza e atingem a probabilidade de realização mais forte nas mulheres. Esta situação mostra-nos também que as mulheres têm um potencial de liberdade mais forte.

A energia fluida da mulher, que foi a sua desintegração no patriarcado, proporciona uma busca constante e desejo de mudança, mesmo que ela não possa criar a sua própria identidade, a constante mudança, e a qualidade da fertilidade que a faz sobressair como sexo mostra a proximidade do seu sexo à liberdade. Esta definição não significa que o homem não tenha proximidade com a liberdade. Mas a mulher possui um maior potencial para a implementação das acções de liberdade e libertação, dentro de si mesma. A fertilidade da mulher não é apenas biológica. A reprodução biológica nos seres humanos e nos animais é uma característica comum. A característica que vai para além

disso é a diferença que distingue os seres humanos dos outros seres vivos. Podemos talvez chamar o nível mais baixo de reprodução de reprodução biológica. A maternidade biológica é muito significativa. Mas limitar o significado da procriação apenas a esta dimensão é separar a procriação do seu verdadeiro significado.

Se o sexo da mulher permanecer limitado apenas com a fertilidade biológica, com a energia patriarcal do homem, a sua energia tornar-se-á matéria sólida e a energia que flui congelará. Mas o oposto, ou seja, a probabilidade da fertilidade adquirir o seu significado por outros meios, tem a ver com a liberdade da mulher. Uma das maiores decepções do patriarcado é limitar a fertilidade da mulher à fertilidade biológica e a segunda é limitar a fertilidade à fórmula da maternidade, ou seja, à realidade de ter filhos.

Embora as mulheres jovens, multipliquem constantemente o significado, a energia vital que transportam para a vida, a forma como atraem sempre a atenção, impressionam o ambiente e ainda outras capacidades que poderíamos enumerar estão ligadas à fertilidade e mostram a capacidade de multiplicação na sua forma de acção.

Cada mulher dá à luz em cada momento. O sentido reprodutivo de cada mulher, especialmente das mulheres jovens, está numa continuidade como se ela estivesse pronta para recriar o sentido a cada momento.

O caos da identidade da mulher está ligado à fertilidade contínua. Quando o trabalho para criar o novo se encontra com os problemas da sociedade, estas crises surgem. E são as mulheres jovens que passam por estas crises mais profundamente. Porque a fertilidade da jovem mulher não encaixa no molde em que é empurrada no patriarcado. Na verdade, há uma fertilidade que existe para além do sistema que vê a mulher como uma máquina de procriar.

Há um novo fluxo de vida que pode tornar-se o criador, fluindo a qualquer momento, qualquer significado, não se encontra nos limites do patriarcado e não é congelado à sombra da dominação e tornar-se uma forma. O facto de a jovem mulher poder experimentar a mudança muito rapidamente tem a sua fonte na energia que não é congelada. A mulher que é objectivada dentro dos limites do sistema patriarcal e que se mostra apenas nos limites da procriação tem dificuldade em criar significado fora da vida biológica. A mulher jovem com potencial de fertilidade, que é uma projecção da capacidade de reprodução do universo, vive, com a forma de vida mais significativa e em todas as áreas da vida para além dos limites dos governantes, a liberdade da vida.

Pensar que uma mulher que não tem filhos está incompleta é uma abordagem patriarcal. É um ataque de patriarcado contra a jovem mulher. Primeiro, é atribuída uma santidade à mãe, depois a jovem mulher é chamada incompleta, e na sua realidade toda a coisa encontra o seu curso até às relações clássicas e retrógradas entre mulher e marido, que são fornecidas às mulheres e declaradas sagradas.

Estas abordagens, que não levam a sério a reprodução filosófica e significativa, não vêem este lado da mulher e não o aceitam como uma continuação, são abordagens que não poderiam libertar a sua influência do sistema hierárquico e não encontrarão um lugar no campo da liberdade.

O universo é feminino por causa da fertilidade. Porque o universo tem o potencial de criar tudo, é feminino. Ao mesmo tempo, podemos dizer que a natureza, terra, água, ar, fogo e todos os elementos da natureza devem ser femininos. Porque tudo o que pode criar, e continua a criar, é feminino. O facto de tudo no universo estar em constante mudança, em constante fluxo, e as coisas estarem constantemente a encontrar-se em novas circunstâncias, deve-se à feminilidade do universo. Todas estas características são, ao mesmo tempo, características básicas da mulher. É claro que em todos os seres vivos existem estas qualidades, e no ser humano, e também no homem, estas qualidades estão presentes por causa da existência universal.

O ser humano masculino, que não consegue ver a feminilidade e o seu lado da mulher e não vive em paz com o seu lado feminino, não pode ser ele próprio, a sua energia torna-se assim sólida e à matéria, porque se aproxima da regra e do poder, os problemas da liberdade tornam-se contínuos e ao dilema, mas também a probabilidade de sair da crise mais fortemente vivida. Mas aqui o primeiro pré-requisito é conhecer a feminilidade do universo através do exemplo da mulher, e saber que a primeira etapa é conhecer-se a si próprio e agir com esse conhecimento.

Quando tudo no universo, nada estava no universo, tudo no universo foi criado por uma pequena explosão, ou seja, por nada, então o nada deve ser também feminino. Poderíamos também dizer uma existência feminina que detém um pe-

queno ponto de potencial, mas através da explosão deixa o potencial-estar.

Esta informação é significativa para que cada ser humano compreenda a sua existência. Se quisermos levar a questão da nossa origem muito longe no passado, de acordo com uma hipótese, poderíamos ir até este pequeno ponto. O que vem depois disso tem a ver com a importância que o homem dá à sua existência. A importância que o homem atribui à sua própria existência tem a ver com o conhecimento do seu lado feminino. Porque o homem que não reconhece este lado não pode criar o significado. Se limitarmos a procriação apenas com a predisposição biológica da mulher para ter filhos, faríamos injustiça ao poder do significado e ao mundo mental do homem.





Em memória da Şehîd Hêlîn Qereçox

| Şerda Intikam

Frequentemente pergunto-me no que é que a Şehîd Hêlîn estava a pensar no avião a caminho do Médio Oriente, no carro a caminho de Rojava e quando estava a entrar na academia da YPJ para se tornar uma combatente e revolucionária internacionalista. Que pensamentos lhe vieram à cabeça? O que é que ela pensou ao ir para a guerra em Afrin, defender a revolução de Rojava contra a invasão Turca? Devemos tentar compreender o seu percurso, os seus sentimentos, o seu pensamento e a sua luta mais profundamente porque é isto que nos mostra o nosso caminho, especialmente para nós enquanto jovens mulheres na nossa busca na nossa busca por uma vida enquanto revolucionárias internacionalistas. A caminho de Afrin, ela não se viu como uma estranha mas como parte da revolução de Rojava. Ela sabia que esta revolução também era a sua, sentiu uma grande conexão com o povo de Rojava, com as suas camaradas nas YPJ, que estão a lutar não só para libertar este pequeno território no Curdistão mas para começar a libertação das mulheres por todo o mundo e de todos os povos por todo o mundo. É exatamente este sentido de conexão, este sentido de pertença, que faz dela um símbolo de internacionalismo. Mesmo sendo possível passar horas a discutí-lo teoricamente, o internacionalismo é no seu cerne uma coisa muito simples. É exatamente isto, sentir as outras pessoas e ver os problemas dos outros como pertencentes a nós mesmas, enquanto os nossos próprios problemas e agir de acordo com isto. Este sentido de pertença é o que realmente quebra as barreiras

do capitalismo e do fascismo nas nossas mentes. É apenas por não sentirmos a dor e a raiva, a opressão e a violência das pessoas à nossa volta, de pessoas que nunca conhecemos, como pertencentes a nós mesmas, enquanto os nossos próprios sentimentos e problemas que o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado conseguem funcionar. Mas a Şehîd Hêlîn sentiu esta pertença e estava pronta para lutar verdadeiramente e dar tudo. Isso faz dela a nossa vanguarda, visto que se diz: o Internacionalismo não é uma unidade de diálogo, mas uma unidade de sangue e suor.

A revolução começa com as mulheres, a revolução começa no Curdistão.

O internacionalismo significa lutar onde quer que seja necessário, significa superar os limites de apenas lutar pelo próprio país ou pelo próprio povo. Significa olhar para todas as forças revolucionárias em todo o mundo e desenvolver uma estratégia global. Significa, para nós, enquanto jovens mulheres, lutar por todas as mulheres no mundo, criar uma ligação inquebrável entre nós. Significa começar com a Revolução das Mulheres e libertar a própria mente e coração. A Şehîd Hêlîn cresceu no coração do capitalismo, na Grã-Bretanha. Interessou-se pela política desde que era jovem, e encontrou o seu caminho nos movimentos anti-capitalistas ingleses, no movimento anarquista, assim como no movimento ecológico. Não aceitou as condições do mundo e sentiu uma enorme raiva perante a guerra, a exploração, o racismo e o colonialismo que a rodeavam. Estava intensamente à procura de como se organizar.

A Şehîd Hêlîn estava a ver como aquilo que está a acontecer aqui no Curdistão teria impacto no mundo inteiro. Que esta revolução não é só uma revolução curda, mas, com o paradigma de Rêber Apo do Confederalismo Democrático, da Revolução das Mulheres e Ecologia como faísca, uma nova tentativa de fazer a revolução global, semelhante à revolução de Outubro de há cerca de 100 anos atrás. Ela viu que se conseguirmos libertar o Curdistão, seremos capazes de libertar o Médio Oriente e com isto libertar o mundo inteiro. Da mesma forma que a luta contra o patriarcado tem de começar com a revolução das mulheres, a luta pela liberdade no mundo não vai começar nos centros do capitalismo, mas com a luta em todos os lugares que foram colonizados durante séculos, com a revolução dos povos negros e indígenas. São as mulheres, os povos negros e os povos indígenas que lideraram a luta pela liberdade. Isto tem muito a ver com como as nossas mentalidades são moldadas pelos lugares e sociedades em que crescemos.

A revolução significa não só libertar um pequeno território (que talvez seja o aspeto mais fácil), mas significa quebrar a hegemonia de um certo tipo de pensamento, quebrar a hegemonia da mentalidade do poder e do Estado. Significa, em primeiro lugar, libertar o próprio pensamento da influência do capitalismo e lutar contra o inimigo na nossa própria personalidade. É apenas possível mudar aquilo que se incorpora. Enquanto a mente e os sentimentos ainda estiverem ocupados pelo patriarcado e o colonialismo, com o pensamento de sujeito e objeto, estes sempre serão reproduzidos, independentemente do quão boas forem as intenções. Tantas revoluções falharam exatamente neste ponto. Foram capazes de libertar certo território, mas apesar da sua luta ter sido tão determinada e heróica, não foram capazes de quebrar o sistema de pensamento, da mentalidade do poder e do Estado – isto fê-las falhar a longo prazo, fê-las reproduzir o próprio inimigo que estavam a tentar combater e, desta forma chegar mesmo a fortalecer o sistema capitalista.

Portanto, contruir uma vida livre significa, em primeiro lugar, lutar contra o inimigo dentro de nós mesmos e travar uma guerra contra a influência do sistema capitalista na nossa própria mentalidade. Ao vir para Rojava e ao se tornar uma militante e combatente, a Şehîd Hêlîn fez isto mesmo. Não só ela lutou de arma na mão contra o fascismo, mas também consigo mesma, libertando-se das influências do sistema em que viveu durante tanto tempo, passo a passo com as suas camaradas da YPJ Internacional.

Quando a guerra de Afrin começou, ela escreveu no seu diário: “Ouvi que algumas companheiras foram enviadas para a guerra de Afrin, eu também quero profundamente ir, se olhar para mim mesma isto tem tanto razões altruístas como egoístas”. Inicialmente a sua comandante das YPJ não a queria enviar para Afrin. Era claro que seria uma guerra intensa, visto que quem atacava a revolução já não era o Daesh, tal como tinha sido a partir de 2014 em Kobanê, em Raqqa, Tabqa e Minbic. Agora o inimigo que atacava a revolução era a própria Turquia, o segundo maior exército da NATO. Mas a Şehîd Hêlîn insistiu. Quando as companheiras lhe disseram que não podia ir porque o seu cabelo era loiro e seria facilmente vista, junto das suas companheiras curdas, ela pintou o cabelo de preto e convenceu a sua comandante. Internacionalismo significa insistir e tomar decisões.

A Şehîd Hêlîn insistiu nos seus sonhos. Não apenas no seu desejo de lutar em Afrin, mas na sua crença que a revolução

e uma boa vida são possíveis e ela não deixou que nenhum obstáculo a impedisse de avançar. Seguiu o caminho de outra grande revolucionária, o de Şehîd Sara – Sakine Cansiz – que disse: “Quero tornar-me uma revolucionária e ninguém me pode deter”.

A Şehîd Hêlîn foi radical. Foi corajosa o suficiente para olhar honestamente para a situação do mundo e para a crise do capitalismo. A maior parte das pessoas sabem que a aceleração do capitalismo chegou a um ponto em que é impossível voltar para trás. Neste ponto, é literalmente ou revolução ou morte, visto que estamos no meio de uma extinção em massa e da destruição completa do planeta Terra. Isto é um facto bem sabido. Ainda assim, muitas pessoas ainda não estão prontas para olhar para esta verdade, que lhes exigiria tomarem ação. A Şehîd Hêlîn não ficou à espera por um futuro melhor, ela tomou uma decisão e moldou este futuro ela mesma. Não se rendeu nem perdeu esperança, lutou com amor e ódio. Amor pelos povos do Curdistão, pelos povos da Grã-Bretanha, pelos povos de todo o mundo, amor pelas mulheres, amor pelas suas amigas e amigos e lutou também com ódio, ódio ao inimigo. A Şehîd Hêlîn lutou com esperança e acreditou na revolução. Os seus tiros em Afrin tornaram-se tiros no coração do desespero, eles mostram-nos o caminho. Porque mais do que tudo é a falta de crença na revolução e na mudança verdadeira, a falta de crença em nós mesmas, que mais nos retém de fazer a revolução. Como Rêber Apo diz: “A esperança é mais importante do que a vitória”.

Hêlîn Qereçox tornou-se mártir a 15 de fevereiro de 2018, sendo atingida por um ataque aéreo turco perto de Afrin, mas independentemente de tudo, ela ainda está entre nós. Nós dizemos “Şehîd Namirin” – mártires nunca morrem. A sua irmã disse: “Nós somos a Anna – a Anna somos nós”. Após o seu martírio centenas de jovens mulheres seguiram o seu exemplo e vieram para Rojava, pegaram na sua arma e lutaram pela revolução. É agora a nossa responsabilidade continuar o seu caminho, constuir uma nova internacional. É nossa responsabilidade libertar as mentes do veneno do liberalismo e do patriarcado e sermos radicais e militantes. Para concretizar o sonho pelo qual ela estava a lutar. Uma vida livre.





O Pôr do Sol

| Rojda Brazil

Há alguns anos tive uma ideia: passear por Rojava, ao longo das estradas, caminhos, cidades, aldeias, carregar um saco nas costas, partilhar uma vida comunitária, trocar experiências, aprender com o movimento revolucionário e observar o pôr-do-sol. Acordar todos os dias numa Revolução, lutar por um ideal, por vezes dormir em casa de amigos, comer boa comida, beber çay e café. Para a maioria dos meus amigos e familiares no Brasil foi apenas uma ideia irresponsável que nunca se materializaria, mas para mim, foi além de um sonho, foi e está a ser parte da minha história.

Após meses de confinamento devido à pandemia, esta ideia tomou conta dos meus pensamentos e mobilizou-me para apanhar um avião para o Curdistão. O bilhete foi comprado, depois remarcado quando a fronteira foi fechada, a mala foi embalada e desempacotada, expectativas e frustrações acompanharam-me ao longo dos dias e nos sonhos que por vezes se tornaram pesadelos. Já não sabia o que era dormir durante a noite, porque sempre que acordava às 4 da manhã para comunicar com Rojava e receber notícias dos ataques que os meus camaradas enfrentavam. O meu trabalho, a minha esperança e os meus objectivos no Brasil tinham perdido o seu significado. Os meus conhecidos fingiram estar entusiasmados com a minha viagem, ao mesmo tempo que tentavam desencorajar-me com medo. Aprendi a não ouvir os comentários de pessoas que, embora vivendo numa das cidades mais violentas do mundo, como São Paulo, acreditam que ir para o Médio Oriente, mais precisamente para território sírio, é pôr a sua vida em risco.

Houve dias negros de espera, mas cada olhar negacionista e cada pensamento sobre a minha partida, fortaleceu-me. Medo? Nenhum. O meu medo era que não conseguisse chegar a Rojava. Claro que queria partilhar estas sensações com as pessoas mais próximas de mim, mas o silêncio tornou-se o meu melhor amigo. Conto com os dedos de uma

mão quantas pessoas vibraram na mesma frequência que eu para que esta história se materializasse de facto.

Em Fevereiro de 2022, ao amanhecer, acordo ao som de uma mensagem, a informação mais esperada tinha acabado de me ser enviada: a fronteira está aberta. Não hesitei, e marquei o bilhete para o próximo voo para Sulaymmaniyah (Curdistão Iraquiano) com uma escala na cidade de Doha (Qatar). Fiz as malas, fiz algumas despedidas e contei algumas mentiras sobre o meu destino.

Amanheceu novamente. Dirijo-me ao aeroporto e descubro, no check-in, que 80% do voo eram homens, fãs da equipa de futebol do Palmeiras, que iam ao Qatar para assistir à final da Taça Libertadores. Todos, sem excepção, estavam vestidos de verde, com o uniforme da equipa e a cantar o hino no átrio do aeroporto. Foi um pesadelo? Não! Foi uma realidade. Caos, atraso no sono, cansaço, discussões, horas na fila sentados no chão até ver, numa das roupas verdes, um velho amigo. Apertámos as mãos um pouco desajeitadamente e ele, com os seus dois filhos pequenos, também de verde, perguntou-me se eu ia assistir ao jogo há muito esperado. Enquanto os seus filhos gritavam repetidamente: "Palmeiras! Palmeiras! Palmeiras!". Respondi de forma objectiva e orgulhosa de mim próprio: "Não. Eu vou à Revolução". Silêncio.

De qualquer modo, eu era um brasileiro de uma metrópole que chegava a Rojava. Aqui, as leis e regras que no Ocidente se dizem "proteger" o cidadão praticamente não existem. Enquanto o Estado brasileiro impõe leis e formas correctas de viver para a nossa "segurança", aqui vive-se simplesmente no dia-a-dia, com o necessário para a sobrevivência, sem grandes planos de enriquecimento individual, mas com uma perspectiva de construção de uma vida comunitária. Para mim, a vida na Rojava é uma vida livre. Uma casa extremamente organizada com bons amigos, comida, aquecimento, água, saneamento básico e

uma população capaz de se defender é o que é necessário para que possamos partilhar uma vida comunitária. É por isso que o movimento revolucionário luta todos os dias. Durante o dia, experimento situações consideradas arriscadas numa metrópole, como andar de mota sem capacete com mais de duas pessoas, não usar cinto de segurança, apanhar boleia na traseira de uma pick-up, viajar em estradas de dois sentidos não marcadas, fumar dentro de lugares, andar no meio da rua, deixar as crianças a brincar sozinhas no exterior, entre outras coisas. Claro que comparar uma pequena cidade em Rojava com uma metrópole como São Paulo (Brasil) seria praticamente impossível, mas não é, porque muitas das minhas sensações e percepções estão relacionadas com a adversidade de viver num país onde a soberania territorial é exercida pelo Estado (que durante anos provou a sua incapacidade de proteger o cidadão) e de experimentar a vida quotidiana num novo modelo de sociedade não patriarcal e sem Estado que dá aos cidadãos autonomia, liberdade e o direito à autodefesa. Fazer parte de um movimento revolucionário prova que a modernidade do mundo capitalista, com o desenvolvimento económico e tecnológico, nos liberta para nos aprisionar. Um sistema que combina mercado, ciência, tecnologia e que funciona através da concorrência e da acumulação de riqueza só poderia provocar um empobrecimento cultural e antropológico. Quem somos nós? Para onde vamos? A lógica da globalização e do crescimento do mercado é incompatível com a preservação ecológica e cultural, uma vez que somos escravos da produção e do consumo. Muito do que facilmente adquirimos numa sociedade capitalista é uma dissimulação para nos proporcionar uma falsa felicidade, tal como a necessidade de gastar milhares de dólares para assistir a um jogo de futebol no Qatar enquanto milhões de pessoas são oprimidas pela miséria. Experiências espectaculares que geram mais insatisfação e dependências materiais e emocionais, produtos inúteis comprados e guardados no fundo de uma gaveta, para um dia serem descartados e o desejo de substituir algo, ainda em uso, por algo mais novo faziam parte da minha vida quotidiana, mesmo quando lutava por uma vida alternativa. Por outro lado, na Rojava é hábito valorizar cada objecto adquirido, ter o cuidado de não desperdiçar e usar a criatividade produzindo, com as suas próprias mãos, o que é necessário ou reutilizando objectos para outros fins. Os amigos perguntam-me sobre os hábitos e costumes brasileiros. O que antes podíamos descrever com mais convicção, hoje questiono qual é o nosso hábito ou o que foi imposto a partir da massificação cultural. Valores, hábitos, costumes, tradições do mundo ocidental foram transformados, o que afectou a nossa identidade cultural. Embora a cultura brasileira tenha um carácter plural, devido ao processo de interacção entre a cultura popular, de massa e erudita, e também entre as culturas indígenas, africanas e migrantes (italiana, alemã, síria, judaica, japonesa e norte-americana), a globalização sob o domínio de um modelo único, destruiu a identidade destes diversos povos. Muito do que foi ensinado na infância perdeu-se ao longo dos anos, as tradições culturais perderam força nas últimas décadas, as gerações futuras serão formadas sem uma identidade cultural, porque o que conta hoje em dia é a lei do mercado. Entrar numa casa respeitando os hábitos tradicionais de uma cultura enraizada, como na Rojava, faz-me recuar no tempo, quando as tradições brasileiras ainda eram mantidas. Mesmo na cultura do futebol, a alegria, sem grande extravagância, em casa, com amigos e família, já não é como era antes. A nossa paixão pelo futebol foi capaz de atra-

vessar oceanos e infectar o mundo. Aqui, um curdo disse-me que há anos atrás, no Campeonato Mundial de 1994, Rojava também se pintou de verde e amarelo e ficou entusiasmada com a nossa vitória no Campeonato Mundial.

Acordo todos os dias com a luz amarela a passar pela janela, preparo um pequeno-almoço tradicional curdo com as hevalas (amigo em curdo), testo os interruptores em casa para electricidade e vejo o chá tradicional (çay) a ser preparado. Uma casa só com mulheres, capaz de ver e experimentar a liberdade. Rir das histórias uns dos outros, ter discussões políticas enquanto se gabam ou penteiam o cabelo comprido um do outro e cantam canções tradicionais e revolucionárias. Alguns cozinham, outros trabalham e outros organizam cada espaço habitado. Ninguém está sozinho, estamos sempre acompanhados, mesmo em momentos de doença e tristeza. Eles são verdadeiros e claros com os seus objectivos e convicções. São grandes amigos, sem concursos e comparações. Nos seus corações não há limites para lutar, pois não estão dispostos a curvar-se ou a demitir-se. Eles são protagonistas desta revolução e todos os dias se fortalecem e me fortalecem. A minha esperança renasce. Sob esta esperança, o sol de Rojava e o vento gelado sopra das montanhas. Ruas estreitas, pessoas a andar normalmente, pequenas e diversificadas lojas com frutas, roupas, utensílios que invadem a calçada, tinta descascada nas paredes, tapetes pendurados nas varandas e janelas, portões de ferro enferrujado, casas de cimento e tijolos, fios eléctricos emaranhados apoiados de forma improvisada, edifícios inacabados com poucos apartamentos habitados, mulheres sentadas na rua, crianças a correr, ruídos de motocicleta. Como activistas e simpatizantes desta revolução, somos encorajados a "dar sentido" a estas minúcias de vida e às tradições culturais que resistem à globalização e ao capitalismo, e lembrar que dezenas de milhares dos nossos camaradas morreram para tornar esta vida possível - "Shêid Namirin"! (os mártires nunca morrem) - um slogan repetido pela população durante as celebrações e funerais. Aqui aprendemos a valorizar os mais pequenos detalhes, desde o pão, aos banhos quentes, à limpeza da casa e à forma como utilizamos o nosso tempo livre.

Rojava é uma palavra curda que significa "pôr-do-sol", referindo-se ao nome dado à região que se estende ao longo de 2.000 km² no norte da Síria que faz fronteira com os estados iraquianos e turcos. Depois de viajar por longas estradas no norte da Síria, Rojava tem o mais belo pôr-do-sol que alguma vez tive o privilégio de ver, os meus olhos estão inundados, mas os meus conflitos estendem-se para lembrar que do outro lado do mundo, o Brasil, com a sua estrutura governada pelo capital, mantém a sociedade oprimida pelo Estado-nação, sem uma resistência capaz de lutar corajosamente contra o sistema e o patriarcado. Além disso, o mundo enfrenta cada vez mais guerras. Em Rojava, enfrentam actualmente graves problemas sociais e económicos, causados pelos ataques do Estado fascista turco. Infelizmente, todas as teorias sobre a paz universal não podem ser senão hipocrisia se o povo não fizer um esforço para transformar as suas mentalidades, pensar em conjunto, desperto, e continuar a ser as ferramentas de um sistema opressivo e competitivo. Mas numa Revolução, como na Rojava, o amanhecer acorda com o sol, e a esperança da população renasce e Rojava, para mim, ganha um segundo nome: Rojda ("nascer do sol" em curdo) e, assim, com estes dois nomes femininos, termino aqui, sublinhando que a mulher, nesta Revolução, é o eixo central da libertação: jin, jiyân, azadî (mulheres, vida, liberdade).



Nazis, Contras, Jihadistas

Sobre o Desenvolvimento da Doutrina de Guerra Especial dos EUA e da OTAN

| Dr. Nikolaus Brauns

A guerra especial é um conceito que foi desenvolvido pelos EUA e pela aliança militar da NATO, dominada por Washington após a Segunda Guerra Mundial, face à Guerra Fria e à descolonização.

O objectivo era combater a guerrilha socialista e os movimentos de libertação nacional, desestabilizar os governos anti-imperialistas progressistas e impedir uma maior disseminação da influência comunista.

Tecnicamente, trata-se de uma guerra não convencional - por oposição a guerras convencionais, que são travadas entre exércitos regulares de estados-nação.

Num manual para as forças especiais do Exército dos EUA em 2008 é escrito a respeito desta "operações conduzidas por, com, ou através de forças irregulares em apoio a um movimento de resistência, insurreição, ou operações militares convencionais" ¹.

Usado pelos militares dos EUA e da OTAN desde os anos 60, o termo

A contra-insurgência tem sido amplamente utilizada como sinónimo de guerra especial.

Significa isto uma "mistura de esforços civis e militares abrangentes destinados a conter a insurreição enquanto se aborda as suas raízes" ².

"corações e mentes" da população para isolar os insurrectos. A guerra especial consiste, portanto, numa combinação de meios militares e políticos, incluindo uma forte componente psicológica. O elemento central, no entanto, é a violência em múltiplos

formulários. "Desde a Segunda Guerra Mundial, assassinatos, sabotagem, rapto, tortura, a derrubada de governos estrangeiros, e outras actividades terroristas, formaram um orgânico

componente da nossa política de defesa nacional. Isto tem sido apresentado repetidamente como uma necessidade de combater as insurreições comunistas e mais recentemente o terrorismo - como única resposta eficaz à barbárie atribuída ou projectada sobre os nossos inimigos, se são os sandinistas ou a OLP" ³ Michael McClintock escreve no seu estudo publicado em 1992 sobre a Doutrina da Contra-insurreição dos Estados Unidos.

Os EUA aprenderam as tácticas e métodos da guerra não convencional com a sua própria experiência no apoio a movimentos partidários nos países ocupados pelos nazis e pelos países ocupados pelo Japão na Segunda Guerra Mundial, com as experiências dos seus aliados britânicos e franceses em guerras coloniais como na Argélia - e especialmente com as experiências dos seus antigos adversários fascistas! "A doutrina de guerra especial americana recorre significativamente aos métodos da 'Wehrmacht' e das SS em aterrorizando a população civil e, talvez mais importante, envolvendo as facções locais no combate à resistência partidária," ⁴ de acordo com Michael McClintock.

Antigos oficiais da "Wehrmacht" e da "Waffen-SS" nazi que entraram ao serviço americano após a guerra, que tinham eles próprios participado em tiroteios em massa de civis e destruição de aldeias como parte da luta contra os partidários na União Soviética, Itália e Balcãs, participaram assim na elaboração de manuais militares norte-americanos, nos quais métodos terroristas, desde a tomada de reféns até aos assassinatos selectivos, foram propagados para contra-insurgência e guerrilha. .

A infra-estrutura para a guerra especial já tinha sido criada em 1952 com a abertura do Centro de Guerra Psicológica em Fort Bragg, Carolina do Norte, que mais tarde foi nomeado o



Centro Especial de Guerra. Até hoje, Fort Bragg continua a ser o centro de treino central das forças especiais dos Estados Unidos, dos seus parceiros da OTAN e de outros aliados. A partir dos anos 60, foram estabelecidos centros de treino nos EUA e também nas Filipinas, Japão (Okinawa), Panamá e Alemanha, nos quais os militares americanos e a CIA treinaram parceiros estrangeiros em contrainsurgência. Infame como "escola de tortura" foi em particular a "Escola do Exército dos EUA das Américas", inaugurada em 1963 em Fort Gulick, no Canal do Panamá. Até 1984, instrutores americanos treinaram 45.000 oficiais latino-americanos e oficiais de inteligência de 23 países em técnicas de contrainsurgência. Entre os graduados desta "escola de ditadores e torturadores" contam-se generais golpistas como Augusto Pinochet no Chile, ditadores como o governante do Panamá Manuel Noriega, e líderes de esquadrões da morte, como o General Roberto D' Aubuisson de El Salvador, cujo assassino assassinou o Arcebispo Oscar Romero.

A sua guerra especial mais longa lançou os Estados Unidos contra Cuba em 1960. Ataques direccionados sobre o líder revolucionário Fidel Castro, assassinatos de professores durante a campanha de alfabetização, ataques terroristas a aviões e navios civis, e sabotagem económica foram elementos de uma guerra de baixa intensidade coordenada pela CIA, que nos seus primeiros anos já tinha custado 3400 vidas cubanas. No entanto, uma invasão mercenária da Baía dos Porcos, apoiada pelos EUA, fálhou em Abril de 1961 devido à rápida mobilização das forças armadas revolucionárias, por um lado, mas também devido à falta de apoio da população cubana à invasão levada a cabo pelos antigos torturadores, grandes proprietários de terras e bandos mafiosos. Nas últimas décadas, os Estados Unidos utilizaram especialmente o bloqueio económico da ilha, combinado com o apoio financeiro aos círculos contra-revolucionários marginais em Cuba e às forças contra-cubanas de direita nos EUA e uma guerra de propaganda maciça, por exemplo, com a Radio Martí, que transmite de Miami para Cuba.

O facto de Cuba manter até hoje o seu rumo socialista e anti-imperialista mostra ao mesmo tempo as limitações da eficácia estratégica de uma guerra especial contra uma guerra politicamente iluminada, uma população consciente e organizada sob uma liderança revolucionária.

O desenvolvimento efectivo da doutrina especial de guerra começou no início da década de 1960, sob Presidente dos E.U.A. John F. Kennedy. O conselheiro militar especial de Kennedy, General Maxwell Taylor, mais tarde desenvolveu um conceito estratégico como chefe do Estado-Maior Conjunto dos Estados Unidos para uma "guerra especial", antes de ser enviado como embaixador dos EUA em Saigão, em 1964, para pôr isto em prática no Vietname. Taylor distinguiu três formas de guerra, para as quais os EUA tiveram de se preparar: a guerra mundial nuclear, as guerras limitadas e locais, e as guerras especiais. A especificidade das guerras especiais era que os EUA, como verdadeiro agressor, não empregavam as suas próprias unidades de combate, mas utilizavam forças nativas tanto para apoiar regimes aliados em operações de contrainsurgência como para derrubar regimes opostos com conselheiros e material dos EUA.

Isto foi para poupar custos e manter baixo o preço do sangue do Exército dos EUA para evitar a oposição política ao envolvimento na guerra em casa. Também se pretendia evitar um confronto directo entre as forças da OTAN e do Pacto de Varsóvia com um potencial incalculável de escalada. E finalmente, era também uma questão de encobrir o aparecimento de interferência estrangeira através do uso de forças nativas para criar legitimidade para os agressores aos olhos da população local. A "guerra especial" é assim apenas a expressão militar do neocolonialismo - tal como o Corpo Expedicionário foi a expressão militar do colonialismo clássico. Enquanto este último, porém, se baseava em parte nas próprias forças armadas das potências coloniais em combinação com soldados coloniais recrutados e forças de intervenção como a Legião Estrangeira francesa, os americanos na "guerra especial" fornecem as armas e os dólares, os aviões e os pilotos, o comando estra-

tégico e tático - incluindo oficiais "consultivos" até ao nível da companhia - com efeito, tudo excepto a "forragem para armas", escreveu o jornalista australiano Wilfred G. Burchett, que tinha viajado para o Vietname em 1963 para relatar, integrado na Frente Nacional de Libertação "do outro lado" sobre este primeiro grande teste de campo para o Conceito de Guerra Especial de Taylor.

Guerra Especial na Indochina

Desde 1961, as forças especiais dos EUA já vinham conduzindo operações secretas de sabotagem e assassinato contra a Frente Nacional para a Libertação do Vietname do Sul (NFB) em

Vietname do Sul, no território da República Democrática do Vietname, e nos países vizinhos

Laos. No entanto, a contribuição decisiva na luta contra a guerrilha, segundo uma comissão liderada pelo General Taylor e pelo economista Walt Whitman Rostow, deveria ter sido executada pelas tropas do regime vassalo vietnamita do Sul sob o regime de Ngo Dinh em Saigão. Para isso, os EUA enviaram dezenas de milhares de conselheiros militares para o Vietname do Sul. A CIA começou em finais de 1961 a recrutar membros das tribos das colinas na província de Darlac, no Vietname do Sul, nos chamados grupos de autodefesa para lutar contra a Frente de Libertação e forneceu amplos recursos para construir forças especiais contra-revolucionárias sob o comando do irmão de Diem, Ngo Dinh

Nhu. Estas unidades conduziram, juntamente com a polícia secreta de Saigão, acções subversivas para desacreditar a Frente de Libertação, perseguindo os seus alegados apoiantes e interrogando-os, torturando-os e assassinando-os. A missão Taylor-Rostow também reconheceu a componente psicológica de uma guerra de contra-guerrilha bem sucedida. Para expandir a base social do regime Diem, que governou como uma ditadura familiar, a comissão apelou a um programa de reformas sociais limitadas, tais como o cancelamento de partes das dívidas dos camponeses e a melhoria da escolaridade e dos cuidados médicos no campo. Para cortar os laços com a guerrilha, o governo em Saigão em Agosto de 1962, com base num "Conceito Estratégico para o Conselho de Segurança Nacional dos EUA, ordenou o reassentamento da população rural nas chamadas aldeias estratégicas. Conselheiros militares dos EUA, pessoal da CIA e representantes das organizações civis de ajuda externa dos EUA tinham a autoridade para controlar as deslocações forçadas. Em Outubro de 1963, 8,7 milhões de vietnamitas já tinham sido realojados em mais de 7200 assentamentos deste tipo assegurados com arame farpado e minas, de modo que o regime de Saigão já se gabava de que "todas as medidas tomadas pelo inimigo da nação tinham sido bloqueadas e os elementos essenciais da sua organização tinham sido abalados".

Mas os camponeses, violentamente forçados a entrar nas "vilas estratégicas", colocaram uma resistência cada vez mais feroz. Apoiados pela guerrilha, eclodiram revoltas em numerosas aldeias contra os soldados de Saigão, que agiam como se fossem "protectores". O Exército de Saigão, apoiado pelos helicópteros americanos, provou ser incapaz de pacificar militarmente mesmo uma das principais regiões contra a guerrilha flexível que, na sua maioria, mantinha a iniciativa. Além disso, o regime com a sua característica de classe mostrou-se incapaz de implementar mesmo um programa mínimo de reforma social. Enquanto os protestos nas cidades aumentavam, o número de desertores do exército de Saigão aumentava acentuadamente,

e em muitos lugares as Forças Especiais contra-revolucionárias dissolviam-se. "As forças imperialistas não admitiam de modo algum que o fracasso do seu conceito contra-revolucionário seguia o mesmo padrão que o fortalecimento da NFB como organização poderosa, que se orientava consistentemente para o desenvolvimento da luta revolucionária. Não queriam admitir que a NFB era capaz de enfrentar um adversário materialmente muito superior tecnicamente também porque o seu programa encontrou repetidamente o amplo apoio da população vietnamita", afirma um estudo publicado pela editora militar da RDA sobre o fracasso da Guerra Especial dos EUA como Opção Estratégica na Indochina.² Com o sucessor de Kennedy, Lyndon B. Johnson, os EUA iniciaram a "guerra limitada localmente" com a expansão da guerra através de ataques aéreos em larga escala na República Democrática do Vietname e finalmente o destacamento maciço de soldados norte-americanos. O elevado preço do sangue que os recrutas americanos tiveram de pagar foi uma das principais razões para o surgimento de um amplo movimento anti-guerra nos EUA, que juntamente com a resistência sacrificial do povo vietnamita forçou os EUA a retirarem-se do Vietname em 1973. Após este fracasso temporário da guerra especial como estratégia, só encontrou o seu renascimento nos anos 80, sob a presidência do Presidente Ronald Reagan. Nomeadamente a brutal contra guerra contra a Nicarágua sandinista, a sangrenta campanha de contrainsurgência contra a guerrilha de esquerda em El Salvador, e o apoio dos EUA aos mujahedines islâmicos no Afeganistão após a invasão soviética.

Gladio e a Estratégia da Tensão

A guerra especial não desapareceu completamente de cena na segunda metade da década de 1970. Tinha-se deslocado apenas para dentro dos próprios Estados da OTAN. Especialmente em Itália e na Turquia, tornou-se activo um exército sombra secreto da NATO, que após a sua exposição se tornou conhecido sob o nome do seu ramo italiano, Gladio. Nos países europeus da OTAN, incluindo a Turquia, bem como em alguns países neutros como a Suécia, Finlândia, Áustria e Suíça, as forças armadas secretas existem desde finais dos anos 40 como grupos armados clandestinos de uma rede de apoio. A sua tarefa "oficial" era a de enfrentar a resistência em caso de invasão soviética nos países ocupados. Esta força, cuja administração era o Comité Clandestino Aliado (ACC, também Comité de Coordenação Aliado), como departamento de guerra encoberta da OTAN e o Comité de Planeamento Clandestino na Sede Suprema das Potências Aliadas na Europa (Shape) em Bruxelas, foi construída com base em acordos secretos aquando da adesão à OTAN. A existência do Gladio, financiado a partir dos orçamentos-sombra dos serviços secretos, foi ocultada aos parlamentos dos Estados membros. Estes paramilitares, treinados pelas forças especiais americanas e unidades britânicas da SAS, foram recrutados de forças estritamente anticomunistas, incluindo antigos membros das "Waffen SS" na Alemanha e fascistas Mussolini em Itália, bem como os Lobos Cinzentos na Turquia. Os estrategas da OTAN estavam preocupados com os fortes partidos comunistas e socialistas em alguns países europeus. Em particular, no caso de uma vitória eleitoral para a esquerda em Itália, temia-se que a NATO fosse enfraquecida a partir do interior.

Ali, nos anos 70, Gladio mudou para uma "estratégia de tensão". Os ataques terroristas destinavam-se a desacreditar os partidos de esquerda e a assustar a população, reforçando assim o apelo a um Estado forte e levando ao poder um go-

verno autoritário de direita. Gladio raptou, torturou e assassinou pessoas, manipulou os meios de comunicação social e desintegrou grupos da oposição. O ataque mais sangrento teve lugar a 2 de Agosto de 1980 na estação de comboios de Bolonha, matando 84 pessoas. "Estes massacres foram organizados ou apoiados por pessoas em instituições do Estado italiano e por homens ligados ao

Os serviços secretos americanos", declarou uma Comissão de Inquérito do Senado em Roma em 2000.

O maior número de vidas foi reivindicado pela estratégia de tensão na segunda metade da década de 1970 na Turquia. O Gladio já tinha sido fundado em 1953, um ano após a adesão da Turquia à NATO, como uma "organização anti-terrorista" e estava alojado no mesmo edifício da missão militar dos EUA. Em 1964, esta estrutura foi directamente incorporada sob o novo nome de "Gabinete de Guerra Especial" e colocada sob a supervisão do Estado-Maior General. As unidades operacionais conhecidas como Counter-Guerrilla recrutaram em grande parte das fileiras dos Lobos Cinzentos, a organização paramilitar da juventude do MHP. O seu líder, ex-Colonel Alparslan Türkeş, tinha ele próprio completado uma formação especial em guerra nos EUA nos anos 50. A cave para as actividades da Agência de Guerra Especial era uma ordem copiada literalmente de um manual americano sobre guerra não convencional, que comentava a formação de grupos que operavam secretamente. As suas tarefas incluíam assassinatos, ataques, rusgas, tortura, raptos, sabotagem, e política de desinformação. Desde meados da década de 1970 até ao golpe de Estado de 12 de Setembro de 1980, cerca de 5.000 pessoas morreram - na sua maioria apoiantes de esquerda, sindicalistas, Alevis e Curdos - em confrontos semelhantes aos da guerra civil. Com agressões, o massacre na Praça Taksim a 1 de Maio de 1977, o pogrom contra Alevis em Maras em 1978, e os assassinatos selectivos, entre outros, do líder sindicalista socialista Kemal Türkler, a contra-guerrilha preparou o clima para o golpe de 12 de Setembro entre a população insegura.

Os líderes deste golpe, que esmagaram sangrentamente o forte movimento de esquerda e trabalhadores e instalaram um regime de acumulação autoritário-neoliberal foi o chefe do Gabinete de Guerra Especial, General Evren, que mais tarde se nomeou Chefe de Estado. Enquanto com o fim da Guerra Fria as unidades Gladio nos países europeus foram desmanteladas, embora na maioria dos casos tenha sido impedida uma reavaliação pública, a contra-guerrilha permaneceu activa na Turquia. As forças irregulares deslocaram agora o seu campo de actividade principalmente para as partes curdas do país e, à luz da guerra suja, fundiram-se cada vez mais com a máfia.

A OTAN na Jihad

Entre alguns comentadores de espírito liberal nos meios de comunicação ocidentais, a cooperação demonstrável do exército turco da NATO com islamistas como o HTS da Al-Qaeda e mesmo o Estado islâmico (IS) na Síria e no Iraque tem causado irritação. Afinal, desde o 11 de Setembro de 2001, ataques nos EUA, a OTAN tem estado declaradamente empenhada numa "guerra contra o terrorismo" global. No entanto, a Turquia está a avançar na sua política de aliança com os jihadistas em pistas bem gastas. Para os EUA e a OTAN têm utilizado repetidamente as forças islamistas como auxiliares para alcançar os seus objectivos geopolíticos desde os anos 80. Em 1979, o Presidente dos EUA Jimmy Carter ordenou o apoio encoberto aos opositores islamistas do governo secular de esquerda no Afeganistão. O objectivo era provocar uma invasão soviética, para que "os russos caíssem na armadilha afegã" e "apanhassem a sua Guerra do Vietname", Zbigniew Brzezinski, o conselheiro do Presidente dos EUA em questões de segurança nacional, mais tarde admitido livremente. Sob o governo do sucessor de Carter, Ronald Reagan, o apoio aos mujahideen com armas e dinheiro, negociado pelos serviços secretos paquistaneses, tornou-se na maior operação secreta da história da CIA. Entre 1982 e 1992, cerca de 35.000 ji-



hadistas de 40 países foram recrutados para a "jihad" contra a União Soviética. Em Wahabi madrasas/escolas islâmicas no Paquistão, que foram financiadas com dinheiro da Arábia Saudita, a doutrinação ideológica dos voluntários teve lugar em primeiro lugar, seguida pelo treino de guerrilha liderado pela CIA em campos de treino geridos pelos serviços secretos paquistaneses. Um recrutador bem sucedido de novos guerreiros/jihadistas santos foi o filho do rico empresário saudita Osama bin Laden. Com o gabinete de recrutamento para os mujahideen (MAK), a base operacional existia desde meados da década de 1980, a partir da qual a Al-Qaeda, liderada por Bin Laden, surgiu no início da década de 1990. "A Al-Qaeda, literalmente 'a base de dados', era originalmente um ficheiro informático contendo os milhares de mujahideen recrutados e treinados com a ajuda da CIA para derrotar os russos", revelou a 7 de Julho de 2005, no Guardian, o antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros britânico Robin Cook. O plano de Brzezinski funcionou. A guerra de dez anos no Hindu Kush contribuiu significativamente para o colapso do domínio soviético.

A partir de 1992, os combatentes islamistas afluíram do Afeganistão para a Jugoslávia, onde uma sangrenta guerra civil grassava. Mais uma vez, os interesses táticos da NATO, que queria combater a Jugoslávia restante sob o Presidente sérvio Slobodan Milosevic até aos joelhos, coincidiram com os da Al-Qaeda. Com a aprovação do Presidente dos EUA Bill Clinton, cerca de 4.000 combatentes da Al-Qaeda foram armados e treinados pelo exército muçulmano bósnio, enquanto os caças da OTAN forneceram apoio aéreo às tropas de choque jihadistas. É claro que a Al-Qaeda nunca se viu a si própria como uma força mercenária da OTAN. Pelo contrário, os EUA foram vistos pelos islamistas como o inimigo estratégico, o que não impediu alianças táticas como as do Afeganistão e da Bósnia. Após os ataques ao World Trade Center e ao Pentágono a 11 de Setembro de 2001, as tropas da OTAN invadiram o Afeganistão.

Ali, com os Talibãs, os "discípulos" dos medres paquistaneses criados com o apoio saudita e da CIA nos anos 80 tinham entretanto tomado a autoridade. Enquanto a administração Obama continuava a escalar a sua guerra de drones contra a Al-Qaeda no Afeganistão e Paquistão, mais uma vez os jihadistas e a OTAN estavam ombro a ombro uns com os outros no Médio Oriente e Norte de África, a um nível tático. Por exemplo, os apoiantes líbios da al-Qaeda formaram os militares experientes ponta de lança na revolta contra o regime de Muammar al-Gaddafi em 2011. Os combatentes islamistas receberam apoio aéreo da OTAN. Também na Síria, os EUA e os seus aliados - especialmente a Turquia e os Estados do Golfo - não hesitaram em armar combatentes jihadistas para o derrube pretendido do regime do Presidente Bashar al-Assad. Por exemplo, no início de 2012, os serviços secretos do Pentágono (DIA) já descreviam "os Salafistas, os Irmãos Muçulmanos, e o AQI (al-Qaeda no Iraque)" como "principais motores da insurreição na Síria". O DIA assumiu a "possibilidade da criação de um califado salafista constituinte ou não oficialmente declarado na Síria Oriental". Que, disse, era "exactamente o que os apoiantes da oposição querem para isolar o regime sírio e conter a expansão xiita no Iraque pelo Irão", o DIA referiu-se à perspectiva estratégica para os objectivos geopolíticos do Ocidente, dos Estados do Golfo, e da Turquia. Quando o Estado Islâmico (IS) emergiu de um segmento da Al-Qaeda e proclamou o seu califado transfronteiriço e começou a ameaçar a segurança do mundo ocidental

com ataques também em países europeus, os Estados Unidos lideraram uma coligação internacional anti-IS em 2014. Pois era agora uma questão de jihadistas que se tinham tornado incontroláveis. A luta contra as células adormecidas do SI ainda hoje é prosseguida pelas forças norte-americanas após o esmagamento do domínio territorial do SI como justificação para permanecer no norte da Síria.

Guerra suja no Curdistão

A Turquia provou ser um estudante modelo da doutrina especial de guerra dos EUA, desenhando ao mesmo tempo com base na sua própria experiência que remonta aos Jovens Turcos no Império Otomano. Nas regiões curdas do leste da Turquia, o exército já tinha conduzido uma guerra especial desde o início da luta armada pelos guerrilheiros do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) em meados da década de 1980. No processo, o exército dependia da destruição sistemática de cerca de 4.500 aldeias, a fim de isolar a guerrilha da população. Tirando partido das estruturas tribais feudais, o Estado recrutou e armou dezenas de milhares dos chamados guardas das aldeias, que muitas vezes se acumulam com guerreiros tribais afiliados a chefes de clã que apoiaram o partido no poder contra o PKK. Outro elemento da guerra especial foram as mortes por "perpetradores desconhecidos", que submeteram cerca de 17.000 civis curdos, incluindo políticos de partidos curdos legais como o HADEP e intelectuais como o escritor Musa Anter. Os esquadrões da morte do serviço secreto da Gendarmerie Jitem, que é ilegal mesmo sob a lei turca, foram recrutados a partir de criminosos libertados com ligações aos Lobos Cinzentos. Além disso, havia a organização terrorista curda-Sunni Hezbollah, que, sob a protecção do Estado, assassinou os supostamente infiéis apoiantes do movimento de libertação. Como elemento especial da guerra especial, as forças contra-guerrilha irregulares utilizaram a violência sexual sistemática contra as mulheres.

A guerra especial turca no Curdistão tem sido e está a ser travada com o apoio e a coordenação da OTAN. A Alemanha em particular não só fornece as armas para esta guerra suja, mas com a proibição do PKK está também a tentar cortar o apoio político e financeiro ao movimento de libertação entre a diáspora curda. Actualmente, a Turquia, que ocupa territórios no norte da Síria, está a travar a partir daí uma guerra de baixa intensidade contra a Administração Autónoma do Norte e Leste da Síria. Os bombardeamentos de aldeias, os raptos de civis, os assassinatos de líderes tribais com o objectivo de colocar os vários componentes etno-religiosos da região uns contra os outros, a queima de culturas, e o bloqueio do abastecimento de água potável são todos elementos deste livro didáctico de guerra especial. Neste processo, a Turquia depende de um exército mercenário de jihadistas, incluindo antigos membros do SI, sob o comando do Serviço de Informações turco. Com os EUA a formar uma aliança tática no norte da Síria com as Forças Democráticas Sírias (SDF) contra o SI, surgem, no máximo, diferenças táticas. Para os aliados da NATO, o objectivo estratégico de destruir o movimento de libertação curdo, como motor da revolução no Médio Oriente, é um acordo. Ao mesmo tempo, parece ser apenas uma questão de tempo até que a OTAN utilize o exército mercenário islâmico islâmico turco, controlado por dez mil pessoas, incluindo numerosos Uyghurs e Caucásianos, para um novo guerra especial contra a China e a Rússia, como adversários estratégicos do Ocidente.

Uma palavra sobre ecologia

Campanha Make Rojava green Again



Todas as terças-feiras, uma entrega de vegetais e frutas chega à Comuna Internacionalista em Rojava. Os companheiros trazem-nos tomates, batatas, maçãs, laranjas, cebolas, couve, alface e muito mais, dependendo da estação. Às vezes os vegetais são consideravelmente diferentes daqueles a que estou habituado nos supermercados europeus no meu país. Vi aqui batatas gigantes, tomates completamente irregulares e pepinos curvados. É claro, isto leva-nos a perguntas. O que acontece a todos os vegetais no meu país que se desviam nem que seja um pouco da norma? Porque é que comemos sempre as mesmas variedades? Não havia em tempos uma diversa abundância de batatas no seu continente de origem, América do Sul? Os tomates não vêm também de lá? E as abóboras, o tabaco, o café e o cacau? O que é que os meus antepassados comiam na Europa? Como é que após 23 anos eu como pela primeira vez algo que plantei eu mesmo e arranquei da terra? Como é que pode ser que comi carne durante anos, mas nunca matei um animal que fosse maior do que um rato? Nem nunca o vi fazerem. Não testemunhei uma única colheita e nunca tive de regar plantas para ter algo para comer. Há muito que me sinto alienado da natureza, de mim mesmo, especialmente quando penso mais profundamente sobre o assunto ou quando trabalho demasiado tempo no computador. Olho à minha volta e vejo muitas coisas que parecem erradas, especialmente nas cidades da Europa. Coisas que não deviam existir assim, desde uma perspectiva ecológica, mas também moral e ética. Fico um pouco zangado, mas sobretudo sinto resistência. Sinto a vontade irresistível de mudar esta realidade.

Esta vontade levou-me até Rojava

Aqui conheço realidades completamente diferentes da vida, com outros problemas sérios. A ecologia move-se no pano de fundo. Lentamente aprendo o que é que a guerra pode significar. Vejo-me refletido nas potências imperialistas e ao mesmo tempo aprendo ternura. O termo “socialismo” torna-se cada vez mais compreensível e, finalmente, pouco a pouco, as mulheres encontram lugar na minha compreensão da história. Torno-me cada vez mais consiente dos grandes privilégios materiais baseados no colonialismo, assim como das extremas contradições ideológicas no meu país. A urgência da democracia, a necessidade de revolução, é para mim mais clara do que nunca. A minha disposição para fazer o que quer que seja necessário para que esta aconteça é também maior do que nunca. O que me acordou da minha bolha pequeno-burguesa foi o sentimento já descrito acima: a falta de conexão com a natureza. A perspectiva ecológica. E não esquecerei isso. Estou convencido de que muitos se sentem assim.

Que a origem de todos os problemas ecológicos tem origem em estruturas sociais hierárquicas com ideologias, sistemas e detentores de poder concretos é claro. Não existe capitalismo verde. A geração jovem também está a começar a entender isto, com a rejeição das suas exigências de reforma por parte de regimes rígidos e corporações hipócritas com falsas promessas e soluções vazias. Tudo o que não for uma profunda revolução social permanecerá apenas um “controlo de sintomas”. Portanto, a luta social é também crucial quanto ao aquecimento global e deve ser a questão mais urgente de todo o ambientalista e ativista climático.

Mas porquê, mesmo em tempos difíceis, os movimentos sociais e as revoluções, como em Rojava, têm de pôr um grande ênfase nos desafios ecológicos?

A crise ecológica, assim como a opressão das mulheres, partilham a mesma origem: o surgimento da sociedade patriarcal anti-democrática, consolidada com o primeiro sistema estatal há 5000 anos atrás. Até hoje, as mulheres sempre tiveram uma maior conexão com a natureza. As mulheres são a fonte da vida e continuam a carregar os traços da vida comunal até hoje. Não é coincidência que falamos da “Mãe Terra”. Abdullah Öcalan descreve as mulheres como o primeiro grupo colonizado na humanidade. É portanto a dominação do humano sobre o humano que preparou o caminho para a exploração e para o chauvinismo. Com esta base, a relação dos humanos com a natureza também mudou. Enquanto a sociedade estava numa relação simbiótica com tudo o que vivia no universo durante dezenas de milhares de anos, com a ascensão do patriarcado, a dominação arrogante do homem sobre a natureza começou. Parece-se com o filho que quer ganhar domínio sobre a sua mãe. A luta das mulheres contra a opressão patriarcal ao longo da história da civilização, deve ser sempre entendida como uma luta da sociedade natural a viver em harmonia com a natureza contra a modernidade capitalista exploradora. Torna-se claro que a libertação das mulheres e uma sociedade ecológica não estão separadas uma da outra.

De acordo com isto, uma revolução social que não seja também ecológica e que não esteja ligada à libertação das mulheres não pode ser sustentável.

Abdullah Öcalan escreve em *Para além do Estado, do Poder e da Violência*:

“Uma consciência social à qual falte consciência ecológica irá inevitavelmente corromper-se e desintegrar-se, tal como foi visto com o socialismo real. A consciência ecológica

é uma consciência fundamentalmente ideológica. É como uma ponte entre a filosofia e a moralidade. Uma política que promete salvação da atual crise pode apenas levar a uma solução apropriada se for ecológica.”

Uma sociedade democrática requer o poder da autodefesa, assim como auto-suficiência para cada comunidade. Apenas podemos viver livremente se nos pudermos alimentar a nós mesmos. Temos de aprender a viver de tal maneira que não sejamos mais dependentes de recursos mineiros, indústrias e importações. É crucial finalmente superar a lógica económica da modernidade capitalista, que se foca no lucro e no crescimento perpétuo. A chave está na nossa relação com a natureza.

Local

Em Rojava, a maior parte das municipalidades têm uma comissão para a ecologia. A sua tarefa é, entre outras coisas, a descentralização do abastecimento alimentar. Cooperativas de trabalho estão a ser formadas para desprivatizar o cultivo das terras e o processamento. Com a campanha “Make Rojava Green Again”, que foi fundada em 2018, nós, Comuna Internacionalista de Rojava, apoiamos o estabelecimento de hortas comunais baseadas nas necessidades, especialmente em bairros, nos telhados e pátios. Também são plantadas árvores e estabelecidos sistemas descentralizados de água e eletricidade. Desta forma, o confederalismo democrático está a ser construído não apenas num sentido político e metafísico, mas também muito concretamente com uma prática que almeja a completa auto-suficiência. Apenas através destas mudanças podemos destruir as grandes hierarquias e as relações de poder das trocas de comodidades e das corporações de agronegócio que determinam as vivências no mundo. A democracia não é possível sem isto.



Contudo, não é apenas uma questão de construir economias comunais ecológicas, mas mais importante sobre como mudamos a personalidade. Como é que uma pessoa livre pensa, como é que uma pessoa livre sente? Como é que uma pessoa que vive comunalmente age e se move? Sei que podemos aprender muito da natureza. Trabalhando com a terra, com as árvores, com o trigo, com os animais, limpamos a nossa mente e os nossos corações de todas as doenças sistémicas que nos foram forçadas e que nós próprios incorporamos. Aproximamo-nos da nossa própria natureza, experienciando o quão vivo está tudo aquilo que nos rodeia. A agricultura coletiva ensina-nos paciência, criatividade e auto-disciplina em medidas iguais. A nossa ligação ao solo que pisamos, do qual vivemos, cresce com cada planta que cuidamos, assim como a nossa determinação de o defender. Aprendemos melhor do que em qualquer outro lado a ser humildes. A propriedade é questionada e os problemas mais complexos são resolvidos através da simplicidade da vida natural.

Global

Que a luta ecológica é global e deve ser liderada com uma perspectiva por todos nós é óbvio. Todos nós sentimos a alienação da natureza. Não há luta que nos possa unir mais e mais facilmente do que a ecológica, e não há nenhuma que nos exija mais cooperação. Todos os grupos de resistência indígena sabem isto, tal como a juventude climática. Gaura Devi sabia isso, e Ocalan sabe isso.

A questão climática é simples: nós, como humanidade, ou somos capazes de reduzir os gases com efeito de estufa a nível global suficientemente rápido ou o clima irá aquecer inexoravelmente. Ou lutamos por um futuro verde agora ou não teremos futuro. Este simples facto tirou-me da minha existência pequeno-burquesa, privada da realidade. Os primeiros efeitos do aquecimento global estão a ser sentidos pelos povos do Sul global, que de qualquer das formas já estão a sofrer enormemente da exploração capitalista. O nível das águas aqui em Rojava, por exemplo, está a baixar a cada ano e o solo está-se a tornar mais seco e mais frágil. Em busca das origens do problema, uma geração inteira

está a olhar desde o hemisfério norte para o sul global. Os seus slogans em torno da “justiça climática” significam uma luta anti-colonialista. A Juventude necessita de se tornar mais radicalizada. A revolução estourou na periferia do sistema existente, enquanto que nas ruas, nos centros da modernidade capitalista, uma pressão incrível da juventude deve surgir. Este é o seu papel e a sua responsabilidade. O “Make Rojava Green Again” é, claro, também conduzido num contexto internacionalista. O objetivo da campanha é ser um exemplo para todos os movimentos ecológicos no mundo com a prática revolucionária em Rojava e oferecer-lhes um ponto comum de referência. Através do trabalho com a campanha e com a possibilidade de viajar para Rojava dentro desta perspectiva, devem ser dadas possibilidades concretas para a troca de experiências. Isto é essencial para a rede global das nossas lutas, assim como para a defesa de Rojava!

makerojavagreenagain.org





Marighella vive!

| Çiya Qerefin

Em Agosto de 1967, um ano após a I Conferência Tricontinental de Solidariedade Revolucionária, teve lugar em Havana a I Conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS). Diferentes movimentos revolucionários e anti-imperialistas da América Latina reuniram-se assim, sob o lema que "O dever do revolucionário é fazer a revolução", num momento em que a revolução cubana e a sua estratégia guerrilheira tinham emergido como exemplo para revolucionários de todo o mundo. A conclusão era clara: a luta de guerrilha deveria ser alargada para expandir a revolução a toda a América Latina.

Estava presente Carlos Marighella, um revolucionário brasileiro de 55 anos com uma longa história de luta, que era, até então, um quadro militante e líder do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Após esta conferência, ele iria iniciar e liderar uma luta de guerrilha urbana que iria influenciar uma onda de organizações armadas revolucionárias que surgiram entre as décadas de 60 e 80 em todo o mundo.

Carlos Marighella era uma pessoa carismática. Sendo filho de um trabalhador anarquista italiano e de uma mulher negra, descendente do povo haussás escravizado, conhecido pelas suas grandes revoltas no século XIX, pode parecer natural que ele tenha seguido uma vida tão revolucionária. A sua família, vivendo na região da Bahia, era pobre e ele era o único de 8 irmãos a continuar a estudar, como o seu pai logo reconheceu e investiu nas suas capacidades intelectuais. Na escola, desenvolveu uma paixão pela poesia e ficou conhecido por responder a um exame de física em

verso, que ali foi exibido publicamente até ao golpe militar de 1964. Foi através desta paixão que ele foi preso pela primeira vez, em 1932, aos 20 anos de idade, por criticar um político de estado. Começou então a organizar-se com a Federação Vermelha de Estudantes e o Sindicato dos Estudantes e dois anos mais tarde abandonaria o seu curso para se dedicar totalmente à militância revolucionária, tornando-se um quadro do PCB, o que na altura era ilegal. Mais tarde, ele escreveria: "Um profundo sentimento de revolta contra a injustiça social não me permitia continuar atrás de um diploma e dedicar-me à engenharia civil, num país onde as crianças são obrigadas a trabalhar para comer". Em 1935 mudou-se para o Rio de Janeiro e no dia 1 de Maio do ano seguinte, 6 meses após a tentativa falhada de insurreição ligada ao PCB, foi preso, espancado, torturado e colocado na prisão durante um ano, acusado de acções subversivas. Quando saiu, entrou na clandestinidade, mas dois anos depois seria novamente preso, desta vez na Ilha de Fernando de Noronha, onde os seus pés foram queimados com tochas e pinos foram picados sob as unhas pelos seus interrogadores. Apesar disso, ele sempre resistiu e usou este tempo para se educar e educar os outros prisioneiros. Apenas 7 anos mais tarde, em 1945, quando a Segunda Guerra Mundial chegou ao fim, a ditadura brasileira começou a perder as suas forças e, com um golpe militar, um chamado regime democrático foi restabelecido e uma amnistia para os prisioneiros políticos foi declarada. O PCB foi legalizado e Marighella, que tinha sido escolhida para participar no comité central enquanto na prisão, foi eleita para o parlamento. No entanto, em 1948, o partido foi novamente proibido e ele voltou a entrar na clandestinidade. Em 1950, o PCB tentou reformular a sua estratégia de volta a uma linha revolucionária. Ainda assim, Marighella começou a divergir com o partido e a sua falta de ligação à luta popular. Em 1953, foi enviado como delegado para visitar a China, e mais tarde a União Soviética, a fim de conhecer as realidades ali existentes. Ao longo dos anos 50, começou a criticar o PCB, especialmente após o controverso 20º congresso do Partido Comunista da União Soviética, que conduziu a grandes conflitos no seio do PCB. Em 1964, realiza-se outro golpe militar no Brasil e, no mês seguinte, Marighella é baleada e presa. As suas críticas intensificam-se, à medida que vê cada vez mais a imobilidade, a burocracia e o reformismo do partido face à brutal e impiedosa repressão estatal e percebe a necessidade de uma luta mais radical, inspirada pelo sucesso revolucionário em Cuba, numa altura em que a guerrilha e os movimentos de libertação nacional cresceram em toda a América Latina, África e Ásia. Em 1966, ele reúne-se e discute inclusive com Che Guevara, que parou em São Paulo, clandestinamente a caminho da Bolívia.

Quando em 1967 o PCB é convidado a participar na conferência de OLAS, o partido recusa-se, mas Marighella vai na mesma, e de lá envia uma mensagem pública ao comité central:

"Havana, 17 de Agosto de 1967",

Aos camaradas do comité central do PCB.

De Havana, onde estou neste momento, decidi romper com o comité central do PCB e, neste sentido, escrevo-vos. Desejo tornar público que a minha vontade é lutar revolucionariamente juntamente com as massas e nunca ficar à espera das regras do jogo político burocrático e convencional que prevalece na liderança. Na minha condição de comunista, à qual nunca renunciarei, e que não pode ser

dada nem tomada pelo comité central, prossegurei o caminho da luta armada, reafirmando a minha atitude revolucionária e rompendo com vocês de uma vez por todas.

Sem mais delongas,
Saudações comunistas,
Carlos Marighella"

Um ano depois, reunindo os jovens e estudantes revolucionários e levando consigo muitos ex-militantes do PCB, inicia uma luta de guerrilha contra o regime através da organização "Acção de Libertação Nacional" (ALN), adoptando aquilo a que chamariam democracia revolucionária, e agindo sob quatro princípios:

1. O dever de todo o revolucionário é fazer a revolução;
2. não pedimos permissão a ninguém para fazer acções revolucionárias;
3. estamos apenas empenhados na revolução;
4. só agimos através de meios revolucionários.

No seu programa definiram a si próprios a seguinte forma: "Todos nós somos guerrilheiros e não homens que dependem dos votos de outros revolucionários ou de ninguém para cumprir o dever de fazer a revolução". O centralismo democrático não se aplica a organizações revolucionárias como a nossa".

A começar pela constituição de uma guerrilha urbana, o seu objectivo era continuar a formar uma guerrilha rural, e a partir daí um exército revolucionário. Todos deviam pegar em armas e juntar-se à luta. No entanto, a ALN não tinha apenas uma perspectiva militar, mas uma perspectiva de organização e participação na luta popular revolucionária. A ALN tornou-se a principal organização da esquerda revolucionária a partir de 1968, reunindo até seis mil mil militantes nas suas bases e nos seus sectores militar, logístico e de inteligência. Teve também o apoio directo de Cuba e, em 1967, o primeiro grupo de guerrilheiros da ALN começou a treinar na ilha. Fizeram as suas primeiras acções armadas com o objectivo de expropriar armas e dinheiro para a sua estrutura, e seguiu-se o rapto dos embaixadores dos EUA e da Alemanha, negociando com sucesso a libertação de dezenas de prisioneiros políticos, bem como a obtenção de destaque mediático, divulgando a organização e a luta armada. Entre os que foram mortos, ou "levados à justiça", pela ALN estava Charles Rodney Chandler, um ex-oficial e torturador dos EUA no Vietname, que se encontrava no Brasil para ensinar métodos de tortura à polícia local.

A 15 de Agosto de 1969, a ALN assume o controlo da emissão da Rádio Nacional, o meio de comunicação social de maior alcance no país, e é transmitida uma mensagem de Carlos Marighella, declarando os principais objectivos da organização: derrubar a ditadura militar e desfazer todas as suas acções desde 1964, formar um governo popular, expulsar os norte-americanos do país, expropriar as suas empresas e propriedades e as daqueles que com eles colaboram, expropriar os grandes proprietários de terras e acabar com o latifúndio, transformar e melhorar a vida dos trabalhadores, camponeses e da classe média, entre outros. Conseguiram abalar a ditadura e dar esperança à luta revolucionária, mas, com a ajuda da CIA, a repressão do regime militar intensificou-se e Marighella foi perseguida como o seu inimigo número um. No dia 4 de Novembro de 1969, foi emboscado e morto nas ruas de São Paulo. Nos anos seguintes, o assassinato e a prisão de militantes, bem como as cisões na organização, levariam à sua desintegração em



1974. Outras organizações guerrilheiras que tinham surgido nessa altura foram vítimas do mesmo destino.

Embora Marighella, como muitos revolucionários, não fosse vitoriosa, deixou um legado nacional e internacional, como exemplo de resiliência, persistência e integridade revolucionárias, e um modelo para as lutas de guerrilha urbana que nessa altura se espalharam pelo mundo. O seu Manual da Guerrilha Urbana e outros textos sobre a luta armada foram uma referência para organizações guerrilheiras como o Exército da Fração Vermelha (RAF) na Alemanha, para o Tupamaros - Movimento de Libertação Nacional no Uruguai, as Brigadas Vermelhas em Itália, a organização basca ETA, o Exército Republicano Irlandês (IRA), o Weather Underground nos EUA, e o Partido Pantera Negra.

Marighella deu um exemplo como revolucionário, determinado com os seus princípios, pois manteve um espírito lutador durante toda a sua vida. Através da sua simplicidade, clareza, paixão e experiência, ele inspirou aqueles com quem falou, especialmente os jovens. Apesar de estar na casa dos 50 anos, pode-se mesmo dizer que ele foi capaz de desempenhar um papel de vanguarda no movimento global de juventude dos anos 60, e ele próprio nunca deixou de ser um rebelde revolucionário. Ele rompeu com o conservadorismo que caracterizou os partidos alinhados com o bloco soviético para travar um novo tipo de luta, esforçando-se por tornar a teoria e a prática numa só. Ele sempre resistiu e nunca deixou de lutar. Como ele disse uma vez, "não tive tempo para ter medo".

Marighella vive!
Şehid Namirin!



O que é que aconteceu na história?

Fevereiro:

3 de fevereiro

1909: Nasceu Simone Weil, ativista de esquerda, filósofa e combatente internacionalista na guerra civil espanhola. Lutou contra os fascistas na guerra civil espanhola e novamente na resistência francesa. Morreu no Reino Unido em 1943, após se recusar a comer mais do que as rações francesas.

4 de fevereiro

1868: Constance Georgine Markievicz nasceu em Londres. Foi uma revolucionária socialista irlandesa. Foi uma das mulheres comandantes da revolta da Páscoa em Dublin contra a ocupação britânica. Mais tarde tornou-se a primeira mulher elegida ministra da Irlanda. O seu conselho para as mulheres revolucionárias irlandesas na altura de formar milícias era: "Vistam-se adequadamente em saias curtas e botas fortes, deixem as vossas jóias no banco e comprem um revólver."

6 de fevereiro

1694: Dandara, uma lutadora pela liberdade afro-brasileira, foi capturada pelos colonizadores portugueses e suicidou-se para não se tornar escrava novamente. Fez parte do Quilombo dos Palmares, um assentamento de afro-brasileiros que se tinham libertado da escravidão, no atual Estado de Alagoas, e lutaram contra os colonizadores holandeses e portugueses.

8 de fevereiro

1517: Hernandez de Cordova, um colonizador espanhol, fez-se ao mar com 3 navios desde Cuba, em direção ao oeste do México em busca de escravos indígenas para trabalhar nas minas. Foi derrotado pelos Maias e forçado a retirar-se, morrendo das suas feridas pouco antes de chegar a Cuba.



1943: Lepa Svetozara Radic, uma partizan Jugoslava, foi enforcada pelos fascistas alemães após ser capturada numa luta com uma unidade das SS. Tinha 17 anos e era membro do partido comunista Jugoslavo. Os alemães prometeram não a enforcar se ela denunciasse as suas camaradas. Ela recusou e disse: “Eu não sou uma traidora do meu povo. Aqueles sobre os quais me estão a questionar revelar-se-ão quando sucederem em acabar com todos vocês malfeitores, até ao último homem.”

14 de fevereiro

1779: O capitão e colonizador britânico James Cook foi matado por nativos no Havai após tentar capturar o seu chefe durante a sua terceira expedição ao Oceano Pacífico.

O povo nativo do Havai resistiu aos colonizadores, que estavam a extrair recursos e a capturar os seus chefes.

18 de fevereiro

1936: Felicia Brown nasceu em Weston Green no Reino Unido. Foi uma artista antifascista e comunista. Enquanto estava a estudar em Berlim entre 1928 e 1932, fez parte de grupos antifascistas e da resistência contra o partido Nazi alemão em ascensão. Em 1936 juntou-se à resistência antifascista em Espanha e morreu durante uma ação contra um comboio de abastecimento fascista de munição perto de Aragão.

21 de fevereiro

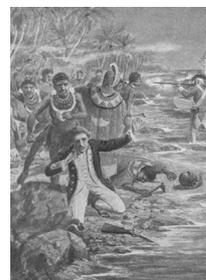
1965: O ativista pelos direitos civis e revolucionário negro Malcom X foi assassinado nos EUA. Ele foi uma das figuras centrais da parte marxista e revolucionária do Movimento dos Direitos Civis. Ele foi um anti-capitalista e anti-imperialista determinado. “Mostrem-me um capitalista e eu mostro-vos uma sanguessuga”.

24 de fevereiro

1915: Amelio Robles Ávila, homem trans mexicano e combatente revolucionário na revolução mexicana, lutou em batalha contra as forças governamentais de Guerrero. Foi comandante no exército revolucionário de Emiliano Zapata e liderou as suas forças para a vitória.

25 de fevereiro

1889: Gavril Myasnikov nasceu em Ural, na Rússia. Foi trabalhador metalúrgico, revolucionário e um dos mais famosos bolcheviques, que criticou o sistema do socialismo soviético como “capitalismo de Estado”. Fez parte do movimento revolucionário na Rússia desde 1905 e escreveu várias análises sobre a necessidade de democratizar a revolução russa. Foi executado pela polícia secreta Estalinista em 1945.



Março:

2 de março

1919: A primeira conferência da Comintern decorreu em Moscovo. Foi o início da 3ª Internacional e de uma organização revolucionária e comunista mundial. A Comintern foi uma organização internacionalista significativa, que organizou vários milhares de quadros e esteve presente em quase todo o mundo. No tempo do Estalinismo muitos dos revolucionários internacionais que se opunham ao socialismo de estado foram expulsos e mais tarde punidos por Stalin.

3 de março

1940: No nordeste da Grécia ocorreu a batalha de Fardykambos. A EAM-ELAS, grupo de resistência revolucionária e antifascista contra a ocupação da Grécia por tropas fascistas italianas e alemãs, lutou contra um batalhão italiano. A batalha durou 3 dias e os partizans venceram, matando 96 fascistas e capturando mais de 500, perdendo apenas 12 camaradas do seu lado. Uma grande parte da população local também participou nas lutas e apoiou os antifascistas.

6 de março

1525: Na localidade de Memmingen, na Alemanha, os Doze Artigos de Memmingen foram escritos por aldeões e cidadãos em rebelião. São considerados a primeira codificação dos direitos humanos universais e apelam à comunalização dos recursos, à punição justa, à redução dos impostos e ao fim da servidão.

14 de março

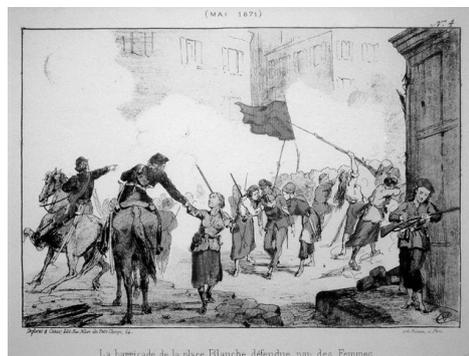
1917: A batalha de Tampa começou, a maior batalha da guerra civil finlandesa. A guerra civil finlandesa ocorreu em 1918 após a revolução finlandesa. As forças contra-revolucionárias foram apoiadas pelo exército alemão e derrotou o movimento socialista. Dezenas de milhares de pessoas foram executadas, mortas e torturadas em campos de detenção depois da guerra.

16 de março

1988: Ocorreu o Massacre de Helebce. O regime Baath bombardeou Helebce em Başur com diferentes tipos de gases venenosos. Mais de 5000 civis foram mortos nos ataques. É o maior massacre com gás venenoso após a primeira guerra mundial. Empresas alemãs estiveram envolvidas nas entregas das máquinas e dos químicos usados para produzir as armas químicas.

18 de março

1871: O governo revolucionário da Comuna de Paris tomou o poder. A Comuna governou Paris durante dois meses, com políticas progressistas de social democracia. Ideias feministas, socialistas, comunistas e anarquistas tiveram papéis importantes na Comuna. Atualmente, o 18 de março, em memória dos mártires e prisioneiros da Comuna de Paris, é o dia internacional dos prisioneiros políticos.



21 de março

É celebrado o Newroz, o ano novo curdo, um dia de resistência contra a opressão.

26 de março

1651: O navio espanhol San José atracou no território indígena de Cunco, que é uma tribo Mapuche no território hoje conhecido como Chile. Os Cuncos atacaram os colonizadores e mataram a tripulação. O ataque faz parte da resistência dos Mapuche contra os revolucionários espanhóis.

30 de março

1976: Yawm al- Ar , o Dia da Terra, é o dia de comemoração desta data em 1976 em Israel, quando o exército e a polícia atacaram protestos contra o plano de expropriar milhares de metros quadrados de cidadãos árabes. Seis protestantes desarmados foram mortos, cerca de cem ficaram feridos e centenas foram detidos.

31 de março

1947: Qazi Muhammad, um líder curdo que fundou o Partido Democrático do Curdistão Iraniano e liderou a República Curda de Mahabad foi enforcado pela dinastia Pahlavi por traição. A República de Mahabad foi um Estado auto-governado não reconhecido desde 22 de janeiro a 15 de dezembro de 1946.

31 de março

1964: No Brasil, um golpe militar levou à deposição do Presidente João Goulart por membros das Forças Armadas Brasileiras, apoiadas pelo governo dos Estados Unidos. O golpe trouxe para o Brasil um regime militar alinhado politicamente com os interesses do governo dos Estados Unidos. Esta ditadura militar durou 21 anos, até 1985, quando Neves foi indiretamente eleito como primeiro presidente civil do Brasil desde as eleições de 1960.



A Liberdade:

Um poema de Carlos Marighella

Não ficarei tão só no campo da arte,
e, ânimo firme, sobranceiro e forte,
tudo farei por ti para exaltar-te,
serenamente, alheio à própria sorte.
Para que eu possa um dia contemplar-te
dominadora, em fêrvido transporte,
direi que és bela e pura em toda parte,
por maior risco em que essa audácia importe.
Queira-te eu tanto, e de tal modo em suma,
que não exista força humana alguma
que esta paixão embriagadora dome.
E que eu por ti, se torturado for,
possa feliz, indiferente à dor,
morrer sorrindo a murmurar teu nome”
São Paulo, Presídio Especial, 1939.

